

Introdução

São muitas as razões pelas quais se traduz um texto e se o publica. Esta tradução tem por objectivo dar a conhecer aos leitores da Livros de Bordo o registo da viagem do frade italiano Giovanni da Pian del Carpini, o primeiro europeu a viajar até ao Oriente, mais de vinte anos antes de o mercador veneziano Marco Polo o ter feito. Natural de Pian del Carpini, antigo topónimo de uma localidade na Úmbria italiana, onde terá nascido entre 1180 e 1185, Giovanni ingressou na Ordem dos Frades Menores, mormente conhecidos por Franciscanos.

A missão que lhe foi confiada e de que este texto dá conta não era de somenos importância e certo é que o Vaticano não a confiaria a qualquer clérigo. Frei Giovanni já tinha viajado bastante, sobretudo pelo território da actual Alemanha. A missão do frade não deve, assim, ser vista como autónoma em relação ao contexto histórico da mesma. Em Dezembro de 1240, na sua expansão para Ocidente, os Mongóis, comandados por Batu, destruíram Kiev. Dessa destruição nos dá conta Frei Giovanni neste texto (V, 27), ao apontar para a quantidade de restos mortais que ainda vê quando passa pela cidade, cerca de seis anos depois da sua destruição. Após a destruição de Kiev, o exército mongol dividiu-se em dois. Uma parte seguiu pela actual Polónia, em direcção ao que é hoje a Alemanha. Na cidade de Legnica, em Abril de 1241, travou-se uma batalha na qual o exército mongol arrasou completamente uma força combinada de soldados polacos e da Ordem Teutónica. O restante contingente do exército mongol invadiu a actual Hungria e derrotou o exército chefiado pelo rei Bela IV numa batalha travada em Mohi – ou Muhi – no mesmo período em que se fazia frente aos Mongóis em Legnica. Reunido após investidas separadas, o exército mongol prosseguiu em direcção à Bulgária e ao Mar Adriático, no encalço de Bela IV, que escapara com vida.

Naquela época, o centro da Europa sentia-se sob uma verdadeira ameaça mongol, tanto mais que não parecia haver exército europeu que os detivesse. Por isso, não foi causa mor espanto que o papa Gregório IX e o imperador Frederico II do Sacro Império Romana reunissem esforços para combater a ameaça mongol, cada vez mais próxima do coração da Europa. Contudo, para surpresa de todos, após um longo rasto de destruição, os mongóis bateram em retirada, regressando à sua terra. Muitos

européus afirmaram que os mongóis teriam regressado por pensarem que poderiam ser derrotados. A verdade, porém, era outra: o seu imperador Ogodei Khan, filho do grande Gengis Khan, falecera em 1242 e era necessário que todos os chefes mongóis regressassem a Karakorum, a antiga capital mongol, para a eleição do novo imperador. Para os europeus, este mal viria a revelar-se um enorme bem.

Entetanto, Gregório IX falecera em Agosto de 1241, tendo-lhe sucedido Celestino IV, que apenas ocuparia o cargo durante 17 dias. O seu sucessor, Inocêncio IV, foi nomeado em 1243 e herdou, com o papado, a preocupação de um potencial novo ataque mongol, ao qual a Europa não saberia dar resposta, visto desconhecer os hábitos – no dia-a-dia e na guerra – desse povo. Desejoso de inquirir sobre as intenções dos mongóis, o novo papa decidiu enviar embaixadores à Mongólia. Na sua mente estava, certamente, a ideia de que o imperador poderia ser baptizado e, assim, convertido à fé católica. Oficialmente, essa conversão era a missão de Frei Giovanni, embora as ordens do papa contemplassem a realização de um relatório detalhado sobre a viagem. Vários autores modernos afirmam que Frei Giovanni actuou como um verdadeiro espião, o que, dado o contexto, faz perfeito sentido. Levando consigo uma carta papal e acompanhado por Frei Estêvão da Boémia, Frei Giovanni partiu de Lião a 16 de Abril de 1245, a fim de percorrer milhares de quilómetros até à Ásia Central, onde haveria de encontrar-se com Güyük Khan, o grande imperador mongol à data, neto de Gengis Khan. Em Cracóvia, juntou-se a Giovanni e Estêvão o frei Bento da Polónia, que serviria de intérprete durante a viagem. A 22 de Julho de 1246, chegaram à orda de Syra, onde permaneceram a fim de assistirem à coroação de Güyük como ‘Khan’, ou imperador mongol, evento que decorreu a 24 de Agosto. A viagem de regresso a Lião iniciou-se a 13 de Novembro desse ano e demorou um ano.

Esta *História dos Mongóis* transporta-nos para a perspectiva de um clérigo do século XIII e de como ele observa outras terras e gentes. Por este motivo, alguns dos relatos são de extremo detalhe, para que não haja informação que fique de fora: dos costumes ao fabrico das setas, da paisagem àqueles que a habitam. No texto latino é patente o contraste entre períodos demasiado grandes seguidos de outros bem mais pequenos. Algumas estruturas latinas poderiam ter sido traduzidas mais literalmente, mas tal foi evitado, sob pena de poder causar alguma estranheza à maioria dos leitores de hoje em dia. No entanto, mantivemos algumas denominações antigas, mais próximas do texto latino original, como “Kióvia” em vez de “Kiev”, para que a tradução

portuguesa preservasse algum do cariz do original. O texto latino segue uma metodologia bastante comum na época: a divisão em capítulos, cada um dedicado a um determinado assunto. De imitação clássica, esta estrutura e o conteúdo de cada capítulo são explicados no início do Capítulo I. Parte integrante desta estrutura é a divisão de cada capítulo em parágrafos, que nas edições modernas estão numerados. Por essa razão, a numeração foi incluída na versão em português. Esta tradução seguiu a edição crítica do texto, constante da colectânea *Sinica Franciscana*, editada por Anastasius van den Wyngaert. Em alguns casos, porém, seguimos outras lições ou sugestões apresentadas no aparato crítico. A tradução pretende apresentar a um público vasto este texto, que consideramos ter bastante interesse. Sejam os leitores historiadores, medievalistas, amantes da literatura de viagens ou, simplesmente, amantes de uma boa história ou das histórias da História, estamos certos do interesse que este relato de Frei Giovanni da Pian del Carpini poderá despertar.

Prólogo

Inicia-se assim a História dos Mongóis, os quais chamamos de Tártaros

1. A todos os fiéis em Cristo, aos quais o presente escrito terá chegado, frei Giovanni da Pian del Carpini, da Ordem do Frades Menores, enviado da Sé Apostólica aos Tártaros e a outros povos do Oriente, representa a graça de Deus no presente, a Sua glória no futuro e a vitória triunfal de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2. Quando fomos enviados às terras dos tártaros e a outros povos do Oriente por meio de uma ordem da Sé Apostólica e soubemos da vontade de Sua Santidade o Papa e dos veneráveis cardiais, decidimos dirigir-nos, em primeiro lugar, às terras dos tártaros. Temíamos que houvesse algum perigo, dada a proximidade destes em relação à Igreja de Deus. E, ainda que temêssemos sevícias infligidas pelos tártaros ou por outros povos, fosse a morte ou a prisão perpétua, a fome ou a sede, o frio ou calor, ou sermos confrontados com afrontas e trabalhos num excesso como que além das nossas forças – o que nos sobreveio muitas mais vezes do que aquelas que crêramos que pudessem sobrevir-nos, à excepção da morte e da prisão perpétua –, não nos poupámos à tarefa de cumprir a vontade de Deus segundo a ordem de Sua Santidade o Papa e para que pudéssemos colher bons resultados entre os cristãos noutras paragens, ou, pelo menos, conhecendo a vontade e as intenções dos tártaros, para que as pudéssemos revelar aos cristãos, a fim de que os primeiros não viessem em força cair sobre os segundos, encontrando-os desprevenidos, tal como sucedeu numa outra ocasião através do pecados dos homens, e causassem uma enorme destruição entre o povo cristão.

3. Por este motivo, tudo isto que vos escrevemos é para vosso proveito e por precaução, e tanta mais fé deveis colocar na nossa palavra, quanto nós tudo vimos com os nossos próprios olhos, já que andámos no meio dos Tártaros e com eles por mais de um ano e quatro meses, vivemos entre eles e ouvimos de cristãos, cativos dos tártaros, em cuja palavra fazemos fé. De facto, tínhamos uma ordem do Sumo Pontífice, para que tudo investigássemos e observássemos diligentemente, o que

fizemos com zelo, tanto nós como o irmão Bento da Polónia, da mesma Ordem, companheiro do nosso tormento e nosso intérprete.

4. Contudo, se há alguma coisa nestas novas que escrevemos que seja desconhecida no local onde habitais, não deveis, somente por essa razão, chamar-nos de mentirosos, pois damos-vos conta daquilo que nós próprios vimos ou que ouvimos contar de outros que acreditamos serem fidedignos. Relembramos, pois, que é muito cruel que os outros desacreditem um homem pelo bem que este faz.

Capítulo I: Acerca da terra dos tártaros, da sua localização e natureza, bem como do clima da mesma

1. Uma vez que é nosso desejo relatar os feitos dos tártaros, a fim de que os leitores possam mais facilmente ficar a par dos factos, decidimos registar tudo por capítulos. Com efeito, o primeiro capítulo descreverá a terra. O segundo ocupar-se-á dos homens. O terceiro, da sua religião. O quarto, dos seus costumes. O quinto, do seu império. O sexto, das guerras. O sétimo, das terras que subjugarão ao seu domínio. O oitavo, de como se lhes fazer oposição pela guerra. O nono e último, sobre o nosso percurso, a corte do Imperador e as testemunhas que encontrámos na terra dos Tártaros.

2. No que concerne a terra dos tártaros, propomos tratá-la do seguinte modo: primeiramente, descreveremos a sua localização; em segundo lugar, a natureza dela; em terceiro lugar, o clima da mesma.

3. Esta terra situa-se a oriente, estendendo-se, tal como cremos, até ao norte. A oriente da terra dos tártaros situam-se a terra dos cataiosⁱ e a dos solangosⁱⁱ. A sul, fica a terra dos sarracenos. Entre o Oeste e o Sul, situa-se a terra dos huirosⁱⁱⁱ. A ocidente, a província dos naimanos^{iv}. A norte, esta terra é rodeada pelo oceano.

4. Esta terra é em parte montanhosa e em parte uma planície, mas quase sempre uma mistura de cascalho e areia. Há zonas desta terra cobertas por arvoredos; contudo, há outras sem um único ramo que seja. A maior parte da sua alimentação é bastante cozida e todos – tanto o Imperador como os chefes e outros homens – se sentam junto ao lume, feito de estrume de bovinos e cavalos. Porém, nem a centésima parte desta terra é fértil, nem pode ela dar fruto, a não ser que seja irrigada pela água dos rios. A água dos rios, contudo, não abunda; diria mesmo que há pouquíssimos cursos de água. Nesta terra não há vilas nem cidades, a não ser uma, que dizem ser bastante boa, chamada de Karakorum^v. Não vimos esta cidade, mas estivemos a meio dia dela, quando nos deslocámos à horda de Syra, a maior corte do Imperador do Tártaros. E ainda que seja infértil, consegue alimentar, de forma suficiente, o gado.

5. O clima deles é extremamente variável. A meio do Verão, quando noutras paragens é normal estar bastante calor, estas terras são assoladas por grandes trovões e relâmpagos, que chegam a fulminar muitos homens. Ao mesmo tempo, caem também grandes nevões. Há ainda tempestades de ventos gélidos, tão grandes que, algumas vezes, os homens têm dificuldade em montar a cavalo. Assim, quando estávamos no seio da horda – este é o nome que eles dão aos acampamentos do seu imperador e dos seus príncipes – prostrávamo-nos por terra, perante a força do vento, mal conseguindo ver o que quer que fosse, devido à quantidade de pó. Naquela terra, nunca chove no Inverno. No Verão, porém, a chuva é bastante regular, mas em tão pouca quantidade, que mal consegue humedecer o pó e as raízes das pastagens. Apesar da parca chuva, cai muitíssimo granizo. Uma vez, quando o Imperador deles foi eleito e teve que se estabelecer na sede do reino, estando ainda nós na corte, caiu tanto granizo e tão subitamente, que, pelo que apurámos, mais de cento e sessenta pessoas na corte morreram afogadas e muitas cabanas foram levadas na enxurrada. Naquela terra, o Verão tanto pode trazer imenso calor, como, subitamente, um frio extremo. No Inverno, há zonas nas quais caem grandes nevões; noutras, contudo, quase não neva.

6. À guisa de conclusão, no que concerne os aspectos ligados a esta terra, diria muito sucintamente que é um território extenso, mas, pelo que vimos com os nossos

próprios olhos, ao termos percorrido todo o seu perímetro e andado pelo meio dele durante cinco meses, é muito mais pobre do que conseguimos dizer.

Capítulo II: Acerca das pessoas, das roupas, das habitações, das coisas, dos seus casamentos

1. Tendo falado da terra, devemos agora falar das pessoas. Descreveremos em primeiro lugar o aspecto das pessoas; trataremos em segundo lugar sobre o seu casamento; em terceiro lugar sobre as suas roupas; em quarto lugar sobre as suas habitações; em quinto lugar sobre as suas coisas.

2. O aspecto das pessoas está longe do de todos os outros homens. São, na verdade, mais largos do que os outros homens entre os olhos e as bochechas. As bochechas também sobressaem muito dos maxilares; têm o nariz chato e pequeno; têm os olhos pequenos e as pálpebras elevadas até às sobrancelhas. São geralmente delgados na cintura, à excepção de uns poucos. São quase todos de estatura média. A barba cresce pouco a praticamente todos, mas alguns têm no bigode e na barba pêlos compridos que não cortam. No cimo da cabeça têm coroas à maneira dos clérigos, e de uma orelha à outra geralmente cortam o cabelo com a largura de três dedos – cortes que se juntam às referidas coroas. Também sobre a testa todos cortam o cabelo com a largura de dois dedos. Mas aqueles cabelos que ficam entre a coroa e o referido corte, deixam-nos crescer até às sobrancelhas e, cortando os cabelos de ambos os lados da frente mais do que no meio, fazem-nos longos. Quanto ao resto do cabelo, deixam-no crescer como o das mulheres, e deles fazem duas tranças e atam cada uma atrás da orelha. Os pés, têm-nos pequenos.

3. Quanto a mulheres, cada um tem as que pode: uns cem, outros cinquenta, outros dez, uns muitas, outros poucas. Os tártaros casam-se geralmente com todas as parentes, excepto mãe, filha e irmã da mesma mãe. É que apenas podem casar com irmãs do mesmo pai e com as mulheres do pai após a morte deste. Também só pode casar com a mulher do irmão um outro irmão mais novo, após a morte do primeiro, ou então outro familiar mais novo é obrigado a casar com ela. As outras mulheres, todos casam com elas sem qualquer distinção, e compram-nas bem caras aos seus parentes.

Após a morte dos maridos, não avançam com facilidade para segundas núpcias, a não ser que alguém queira casar com a sua madrasta.

4. Quanto às roupas quer de homens quer de mulheres, são elas feitas de uma só maneira. Não usam capas, mantos ou capuzes ou peles, mas usam túnicas de bocaxim púrpura ou de baldaquino, constituídas desta forma: são cortadas de cima a baixo, e no peito são duplicadas, uma à esquerda e outra à direita, atadas com três ligaduras. No lado esquerdo são também cortadas até à manga. As pelizes de um certo tipo são constituídas da mesma maneira, porém a peliz de cima tem pêlos da parte de fora, mas é aberta na parte posterior. Tem, no entanto, uma cauda até aos joelhos, da parte de trás.

5. As mulheres casadas, por seu lado, têm uma túnica muito ampla e cortada à frente até ao chão. Sobre a cabeça têm uma coisa redonda feita de vimes ou de cortiça que ao comprimento se estende por uma braça e no topo termina num quadrado, e de cima a baixo cresce sempre em largura e na ponta tem uma vírgula longa e elegante de ouro, de prata ou de madeira, ou ainda uma pena, e está cosida sobre uma pele que se estende até aos ombros. E tanto a pele como o referido objecto estão cobertos de bocaxim púrpura ou de baldaquino. Nunca aparecem diante dos homens sem este objecto, e são por ele conhecidas pelas outras mulheres. Já as donzelas e as jovens mulheres só com grande dificuldade os homens as podem distinguir, pois em tudo se vestem como homens. Usam roupas de pele diferentes das de outras nações, cuja forma não conseguimos descrever de forma clara.

6. Têm cabanas redondas preparadas à maneira de tendas, feitas com vergas e varas finas. Têm em cima, ao meio, uma janela redonda por onde entra a luz e para por ela sair o fumo, pois sempre fazem fogo no meio da cabana. Quanto às paredes e ao tecto, são cobertos de feltro, e também as portas são feitas de feltro. Algumas cabanas são grandes, outras são pequenas, de acordo com a dignidade ou a pequenez dos homens. Algumas desmontam-se rapidamente, são reparadas e depois transportadas sobre animais de carga. Algumas não se podem desmontar, mas são transportadas em carroças. Um boi basta para transportar as mais pequenas numa carroça; para as

maiores, três, quatro ou até mais, de acordo com a sua grandeza. Onde quer que vão, seja para a guerra seja para outro lado, levam-nas sempre consigo.

7. São muito ricos em animais: em camelos, bois, ovelhas, cabras. De cavalos e jumentos têm quantidade tal que não acreditamos que haja igual em todo o mundo. Porcos e outras bestas praticamente não têm.

8. O imperador, os generais e outros nobres têm grande abundância de ouro, prata, seda, pedras preciosas e gemas.

Capítulo III: Da religião dos tártaros, daquilo que eles acreditam ser pecado, dos seus costumes de adivinhação e expiação, dos seus rituais fúnebres

1. Tendo nós falado dos homens em si, trataremos agora do que poderemos supor serem os ritos deste povo. Tratá-los-emos do seguinte modo: primeiramente, falaremos da religião; em segundo lugar, daquilo que eles acreditam ser pecado; seguem-se as nossas considerações sobre os costumes de adivinhação dos tártaros bem como a sua definição da expiação dos pecados; em quarto e último lugar, trataremos dos rituais fúnebres deste povo.

2. Crêem num só deus, que acreditam ser o criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Crêem ainda que é este deus que traz ao mundo tanto o que há de bom como o sofrimento. Porém, não lhe prestam culto nem com orações ou louvores, nem qualquer tipo de rito. Apesar disso, têm ídolos de feltro, feitos à imagem do homem, que colocam em ambos os lados da entrada da tenda. Debaixo destes ídolos, põem algo de feltro, feito em forma de uma teta, acreditando, assim, que estes ídolos protegem o seu gado e os abençoam com leite e nova criação de animais. Também existem ídolos feitos de pano de seda, tidos em muita consideração. Alguns tártaros colocam estas figuras num lindo carro coberto diante da entrada da tenda e alguém que roube o que quer que esteja no carro é morto sem qualquer comiseração. Quando os tártaros querem fazer estes ídolos, todas as mulheres de maior estatuto social no acampamento se juntam, procedendo ao fabrico destes ídolos com reverência. No ritual da feitura destes ídolos, estas mulheres matam uma ovelha e comem-na, deixando, depois, que os ossos desta ardam no fogo. E quando um rapaz adocece, confeccionam um ídolo segundo a tradição e atam-no por cima da cama do dito rapaz. Os milenários e centenários^{vi} têm sempre um ídolo no meio das suas tendas.

3. Os tártaros oferecem o primeiro leite do seu gado e cavalos a estes ídolos e, quando começam a beber ou a comer, oferecem aos ídolos uma porção do alimento ou da bebida. Quando matam algum animal, oferecem o coração deste ao ídolo que está colocado no carro, pondo-o numa taça, e afastam-se do local até à manhã seguinte.

Retiram, por fim, o coração da presença do ídolo; cozinham-no e comem-no. Antes deste processo, os tártaros terão já feito um ídolo para o Imperador, o qual colocaram, de modo glorificador, num carro diante das tendas dele. Isto vimos acontecer na horda do próprio Imperador, a quem também ofereceram inúmeros presentes. Ofereceram-lhe, ainda, cavalos, que ninguém ousaria montar até ao fim dos seus dias, e outros animais. Alguns destes animais são mortos para alimento, mas os ossos, em vez de serem desfeitos, são lançados ao fogo, para aí arderem. Finalmente inclinam-se para o Sul, como que para Deus, e obrigam os nobres deles dependentes a fazer o mesmo.

4. Recentemente, aconteceu que Miguel^{vii}, um dos grandes príncipes da Rússia, quando veio render-se perante Batu^{viii}, os tártaros fizeram-no atravessar por entre duas fogueiras. Depois, disseram-lhe que se inclinasse para sul, para Gengis Khan. O príncipe russo afirmou que se inclinaria perante Batu e os servos deste de boa vontade, mas que não se inclinaria perante a imagem de um homem morto, por não ser próprio de um cristão proceder de tal modo. E, como lhe dissessem repetidas vezes que se inclinasse e ele se tivesse recusado a fazê-lo, Batu mandou Iaroslav^{ix}, o filho do príncipe, dizer que Batu mataria o pai do jovem se este não se inclinasse. O príncipe Miguel respondeu que por menos preferiria morrer do que proceder de um modo impróprio a um cristão. E assim, Batu enviou o príncipe a um guarda, que o calcou sem cessar na zona do peito até que falecesse. Naquela ocasião, o príncipe confortou um dos seus militares, que se encontrava de pé junto a ele, dizendo-lhe: «Sê forte, já que não terás de suportar esta pena durante muito tempo e seguir-se-á, sem demora, uma alegria eterna». Dito isto, cortaram-lhe a cabeça com uma faca. A cabeça do soldado também foi cortada com uma faca.

5. Os tártaros veneram e adoram tanto o sol como a lua, assim como o fogo, a água e a terra, ofertando-lhes bebida e as primícias dos seus alimentos, preferencialmente de manhã, antes de eles próprios comerem e beberem. Porque não observam lei alguma sobre a adoração a Deus, nunca coagiram ninguém – pelo que sabemos – a negar a sua fé ou lei, à excepção do caso de Miguel, acima referido. Ignoramos o que mais façam. Contudo, a julgar por alguns deles, podemos pressupor que, se os mongóis

tivessem um reino – e Deus se afastasse – fariam com que todos se inclinassem perante esse ídolo.

6. Certa vez, enquanto estávamos na terra dos mongóis, aconteceu que André de Chernigov, cidade russa, compareceu perante Batu, acusado de lhes ter roubado cavalos e de os ter vendido noutras paragens. Mesmo tão tendo sido provada esta acusação, André foi morto. Quando o irmão mais novo de André ouviu tais notícias, veio, com a viúva do morto, à presença de Batu, suplicando que não lhes fosse retirada a terra que possuíam. Batu disse ao jovem que tomasse a mulher do irmão como esposa e à mulher que tomasse o jovem como marido, segundo o costume dos tártaros. A viúva respondeu que mais preferia morrer do que ir contra a sua lei. Porém, Batu, apesar das queixas, entregou a viúva ao jovem, mesmo com ambos a recusarem-se a tal o mais que podiam. Assim, levaram-nos aos dois para um leito e colocaram o rapaz por cima dela, enquanto ela chorava e gritava. Por fim, obrigaram-nos a juntar-se um com o outro.

7. Apesar de não possuírem nenhuma lei no que diga respeito ao exercício da justiça ou às precauções contra o pecado, têm algumas tradições que consideram como pecados e que foram elaboradas por eles e pelos antecessores deles. Uma destas tradições é cravar uma faca numa fogueira ou fazer tocar, de alguma maneira, com a faca no fogo. Também utilizam a faca para retirar carne da água quente, ou para cortar a dita carne com um machado junto ao fogo. Na verdade, acreditam que a cabeça do fogo – a ponta das labaredas – deve ser decepada desta maneira. Outra tradição é não terem o hábito de se apoiar na chibata com a qual chicoteiam o cavalo, nem usarem esporas. Também não batem com a chibata nas setas; nem apanham ou matam aves jovens; nem batem num cavalo com um freio; nem esmigalham um osso contra outro. Finalmente, também não derramam leite ou qualquer outra bebida e alimento sobre a terra. Segundo as tradições deles, também não podem urinar dentro da tenda. Se o fizerem de propósito, são mortos; se for involuntariamente, é necessário pagarem muito dinheiro a um feiticeiro para que este os purifique e faça passar por entre duas fogueiras não só os habitantes da tenda como a própria tenda. Porém, antes desta purificação, ninguém pode ousar entrar na dita tenda ou retirar algo do seu interior. Se

um pedaço de comida é posto na boca de alguém e este não pode engoli-lo e o cuspir, rompe-se um buraco na base da tenda e faz-se essa pessoa sair por ele, sendo morta em seguida sem piedade alguma. Se alguém pisar a entrada da tenda de algum príncipe, é morto do mesmo modo. Os tártaros têm muitos costumes semelhantes a estes e levar-nos-ia tempo a narrá-los.

8. Diga-se que, para eles, porém, matar alguém, invadir as terras de outrem, adquirir coisas alheias de modo injusto, fornicar, injuriar outros ou ir contra as proibições e os preceitos de Deus não é pecado.

9. Nada sabem da vida eterna ou do sofrimento perpétuo. Crêem, porém, que, depois da morte, viverão noutra sécula e que os seus rebanhos se multiplicarão; que comerão e beberão e farão tudo aquilo que neste século fazem enquanto estão vivos.

10. Os tártaros dedicam-se bastante à adivinhação, aos presságios, interpretações, feitiços e encantamentos. Quando lhes chega uma resposta dos seus demónios, crêem que seja um deus a falar-lhes. A este deus eles chamam de “Itoga”. À mesma entidade, os cumanos^x chamam de “Kam”. Uns e outros temem e respeitam este Deus de forma admirável e oferecem-lhe muitos sacrifícios e as primícias dos alimentos e da bebida, fazendo tudo de acordo com a resposta do deus. É na lua nova ou na lua cheia que iniciam quaisquer que sejam os seus novos planos, daí que chamem à lua “Grande Imperador” e se ajoelhem perante ela, pedindo-lhe que interceda por eles. Ao sol chamam de “mãe da lua”, por este receber luz daquela. E, para resumir, acreditam que tudo pode ser purificado através do fogo. Por isso, quando vêm mensageiros, ou príncipes ou quaisquer outras pessoas, à presença deles, é necessário fazê-los atravessar, bem como o dinheiro que tragam, por entre duas fogueiras para que fiquem purificados, não vá terem feito qualquer feitiço ou trazido algum veneno ou algo mau. Além disso, se uma estrela cadente passar por cima dos animais ou dos homens, o que aqui sucede frequentemente, ou se lhes sobrevier algo de tal natureza, que os faça considerarem-se sujos ou desafortunados, é necessário serem purificados pelos feitiçeiros do mesmo modo. Assim depositam eles toda a sua esperança em tais coisas.

11. Quando algum deles está doente, à beira da morte, é colocada uma lança com um pano de feltro negro à volta da mesma, e assim ninguém de fora ousa entrar nas delimitações das tendas do doente. E quando ele começa a agonizar, todos se afastam dele, uma vez que nenhum dos que assistem à morte deste pode entrar na horda de um chefe ou do Imperador até à lua nova seguinte.

12. Quando está morto, se for de uma classe menor, é sepultado no campo, num lugar escondido do agrado dos demais. É sepultado com uma das suas tendas e sentado no meio da mesma; põem-lhe a mesa, com um prato cheio de carne e uma taça com leite de uma égua. É sepultado ainda juntamente com uma égua e a sua cria e com um cavalo munido de freio e sela. Os demais comem outro cavalo, forram-lhe a pele com palha e colocam-no a dois ou a quatro paus de altura, para que o morto tenha, no outro mundo, uma tenda onde viver, uma égua da qual tirar leite, e possa ter cavalos para criação e para montar. Os ossos do cavalo que foi comido são queimados pela alma do morto. Vimos com os nossos olhos e ouvimos de outros que, com frequência, as mulheres se juntam para queimar ossos por alma dos homens. Vimos que Ogodei Khan, pai do referido imperador, mandou plantar um rebento dum planta para que aquele crescesse pela sua alma. Daqui se depreende que ninguém lá vá cortar um ramo, pois, caso o faça, será açoitado, despido e mal tratado. Nós mesmos vimos isso suceder. Nem mesmo quando precisámos muito de um ramo para chicotear um cavalo ousámos arrancar um ramo à dita planta. Os tártaros também enterram ouro e prata com o morto; o carro em que o morto é levado é totalmente partido; a sua tenda, destruída. Além disso, ninguém ousa dar a alguém o nome do falecido até à terceira geração.

13. O modo de sepultar alguém de condição superior é outro. Os tártaros vão secretamente ao campo e aí colhem erva com as raízes agarradas, escavam uma grande cova e, ao lado desta, escavam outra, desta vez subterrânea, colocando nesta o servo predilecto desse morto ilustre. Este servo permanece na cova durante tanto tempo que começa a sofrer de falta de ar. Neste momento, retiram-no da cova para que ele possa respirar. Três vezes fazem isto. Se o servo escapar vivo a isto, é posto

em liberdade, podendo fazer o que lhe der prazer, sendo, então, considerado grande entre os seus e no acampamento. O morto é colocado na outra cova ao lado, juntamente com os objectos acima referidos. Assim, os que lhe prestam homenagem enchem a cova que se encontra diante da sua cova e colocam erva por cima, para que tudo fique como estava antes de o buraco ter sido aberto e também para que este local não possa ser encontrado. Também podem proceder de outro modo, ao qual me referi acima, mas deixando a tenda de fora, num campo.

14. Na terra dos tártaros há dois cemitérios. Um, no qual se sepultam os imperadores, os príncipes, e todos os nobres. Onde quer que estes morram, é para lá que são levados, se assim for possível. Estes são sepultados com grandes quantidades de ouro e prata. No outro cemitério estão sepultados os que foram mortos na Hungria e, de facto, foram muitos os que aí foram assassinados. Ninguém ousa entrar nesses cemitérios, à excepção dos guardas que para esse efeito são enviados ao local. E se alguém lá for, é apanhado, despido, açoitado e muitíssimo mal tratado. Daí que, tendo nós entrado uma vez sem sabermos nos limites do cemitério em que estavam os que tinham sido mortos na Hungria, os guardas vieram sobre nós, de arco e flecha em riste. Mas, porque éramos enviados e desconhecíamos os hábitos daquela terra, deixaram-nos seguir em liberdade.

15. Os tártaros têm o hábito purificar, através do fogo, os seus parentes e todos os outros que moram nas suas tendas. Esta purificação é realizada do seguinte modo: acendem duas fogueiras, colocam duas lanças junto ao fogo e uma corda na extremidade das lanças. Depois, atam à dita corda cortes de entretela. Por fim, os homens, bem como os animais e as tendas, passam todos entre as duas fogueiras, por baixo da corda e dos cortes de tecido. Com eles estão duas mulheres, uma de um lado, outra do outro, lançando água e recitando poemas. E se, durante isto, alguns carros se partirem ou se algo cair no nesse mesmo lugar, os feiticeiros interpretam tudo isso. E se alguém for morto por um raio, é necessário que todos os homens que moram naquelas tendas atravessem por entre as fogueiras do modo que foi explicado. Ninguém toca em nada que pertença ao morto – tenda, cama, carro, panos de feltro,

roupa e o que quer que ele tenha desse género – e tudo é rejeitado, tal como se de coisas imundas se tratassem.

Capítulo IV: Sobre os bons e maus costumes, os alimentos e os seus hábitos

1. Tendo falado do ritos, devemos agora falar dos costumes, de que trataremos deste modo: falaremos primeiro dos bons; em segundo lugar, dos maus; em terceiro lugar, dos alimentos; em quarto lugar, dos hábitos.

2. Os referidos homens, ou seja os tártaros, são mais obedientes aos seus senhores do que os restantes homens que há no mundo, religiosos ou seculares, e muito os reverenciam e não lhes mentem facilmente. Raramente ou nunca discutem com palavras, nunca chegam a vias de facto. Guerras, rixas, ferimentos, homicídios nunca ocorrem entre eles. Nem salteadores e ladrões de coisas grandes se acham entre eles, por isso as suas tendas e carroças, onde têm as suas posses, não são fechadas com fechaduras ou trancas. Se algumas bestas se perdem, quem quer que as encontre ou as deixa estar como as achou, ou as conduz a uns homens designados para o efeito. Quanto aos homens a quem pertencem as bestas, os encarregados procuram-nos junto daquelas, e recebem-nas de volta sem qualquer dificuldade. Cada um honra o outro bastante, e são bastante amigos uns dos outros. E a comida, embora seja pouca entre eles, ainda assim partilham-na convenientemente entre si. E são também bastante resistentes, por isso quando jejuam um ou dois dias, não comendo absolutamente nada, não parecem facilmente impacientes, mas cantam e brincam como se tivessem comido bem. Ao andar a cavalo suportam muito frio, e também toleram bastante calor. Nem são os homens delicados; não parecem invejosos uns dos outros, entre eles quase não há nenhuma cobiça, nenhum despreza o outro, mas ajuda e auxilia tanto quanto convenientemente pode.

3. As suas mulheres são castas e não se ouve entre eles nada sobre a sua impudicícia. No entanto têm algumas delas palavras bastante torpes e impudicas quando se divertem. Parecem ser raras ou nenhuma as zangas entre os tártaros. E embora se embebedem muito, nunca brigam na sua bebedeira com palavras ou acções.

4. Descritos os seus bons costumes, devemos agora tratar dos maus. São muito soberbos para com os outros homens e desprezam todos. Ou melhor: consideram-nos quase nada, sejam nobres ou não.

5. Vimos, de facto, na cúria do imperador um nobre homem de nome Iaroslav, grande senhor da Rússia, filho do rei e da rainha da Geórgia, e muitos e grandes sultões, e ainda o senhor dos solangos não receberem junto deles qualquer honra devida. Já os Tártaros que os acompanhavam, por mais vis que fossem, antecediavam-nos e tinham sempre o primeiro e mais elevado lugar. Mais ainda, muitas vezes eram obrigados a sentar-se atrás deles.

6. São iracundos para com os outros homens e de natureza indignada, e ainda são mentirosos para os outros homens, e quase nenhuma verdade se acha neles. De início, são sem dúvida brandos, mas no fim picam como o escorpião. São astuciosos e fraudulentos e enredam todos, se podem, com astúcia. Os homens são repugnantes ao comer e beber e nas suas outras acções. O que quer que queiram fazer de mal a outros homens, ocultam-no de forma admirável, de modo a não poderem precaver-se deles ou achar remédio para as suas astúcias. A bebedeira é para eles honrosa, e quando algum bebeu muito, ali mesmo vomita, para não perder a oportunidade de beber de novo. São muito cúpidos e avarentos, grandes cobradores para pedir, tenacíssimos retentores e parquíssimos doadores. O assassínio de outros homens para eles não vale nada. E para dizê-lo em poucas palavras, por mor da prolixidade não se podem passar a escrito todos os seus maus costumes.

7. As comidas deles são tudo o que se pode engolir. Na verdade comem cães, lobos, raposas e cavalos, e, em caso de necessidade, consomem carne humana. Por isso, quando guerrearam contra uma certa cidade dos cataios, onde vivia o imperador deles, a qual sitiaram durante tanto tempo que morreram muitos dos próprios tártaros, e porque não tinham nada que comer, tomavam um de cada dez homens para comer. Também comem com frango os corrimentos dos burros. Mais ainda, até os vimos comer piolhos. É que até diziam: “Porventura não os devo comer, quando comem a carne do meu filho e bebem o seu sangue?” Vimo-los também comer ratos.

8. Não usam mesas nem panos de mão. Não têm pão, nem couves, nem legumes nem outra coisa que não carnes, de que comem tão poucas que outros povos a custo poderiam delas viver. Sujam muito as mãos com a gordura das carnes. Quando comem, limpam-nas às suas perneiras ou às ervas, ou a algo do género. Os mais nobres costumam também ter uns pequenos panos com que, no fim, limpam as mãos, quando comem carnes. Um deles corta e o outro recebe os pedaços de carne com a ponta da faca, e serve a cada um – alguns mais, alguns menos, de acordo com o eles costumam mais ou menos honrar. Não lavam as escudelas, e se por vezes as lavam com caldo de carne, colocam de novo o caldo com carnes na panela. Também se lavam as panelas, ou as conchas ou outros recipientes para este efeito e, para tal, fazem-no da mesma maneira. Para eles é um grande pecado se se deixa que alguma bebida ou comida se estrague de alguma maneira. Por isso, não deixam dar os ossos aos cães se não se tirar primeiro a medula. Também não lavam as suas roupas nem deixam que as lavem, e sobretudo entre aquele tempo em que começam as trovoadas até que esse tempo termine. Bebem leite de burra em grande quantidade. Se houver, bebem também leite de ovelha e de vaca, de cabra e até de camela. Não têm vinho, cerveja, hidromel, a não ser que lhos enviem ou ofereçam de outras nações. Também no Inverno, a não ser que sejam ricos, não têm leite de burra. Cozem milho com água, e fazem-no tão ralo que não conseguem comê-lo; apenas bebê-lo. E cada um deles bebe uma taça ou duas de manhã, e não comem mais durante o dia. À tarde, porém, é dado um pouco de carne a cada um, e bebem caldo de carne. No Verão, uma vez que têm bastante leite de burra, raramente comem carnes, a não ser se por acaso lhas derem, ou se na caça apanharem alguma besta ou ave.

9. Também têm a lei e o costume de matarem o homem ou a mulher que apanham em adultério manifesto. A mesma coisa para uma virgem: se tiver fornicado com alguém, matam-na e o homem também. Se alguém é apanhado em roubo ou furto manifesto em terra sob o seu poder, matam-no sem qualquer misericórdia. Do mesmo modo, se algum deles revelar planos, sobretudo quando querem ir para a guerra, são-lhe dadas cem vergastadas nas costas, tanto maiores quanto as que um camponês consegue dar com um cajado dos grandes. Do mesmo modo, quando alguns dos mais novos ofendem alguém, os seus familiares não os poupam e vergastam-nos fortemente.

Entre o filho de uma concubina e o da mulher não existe diferença, mas o pai deles dá a cada um o que quer. E se é da linhagem dos chefes, é chefe o filho da concubina da mesma maneira que o filho da legítima mulher. E quando um tártaro tem muitas mulheres, cada uma tem a sua morada e família, e come com uma e bebe com uma um dia, no outro dia com outra. Uma delas, no entanto, é a mais importante de todas, e fica com ela mais do que com as outras. E ainda que sejam muitas, não brigam facilmente entre si.

10. Os homens não tratam de absolutamente nada a não ser das setas, e também cuidam um pouco dos rebanhos, mas caçam e treinam-se no lançamento de setas. Na verdade, todos eles, do mais pequeno ao maior, são bons arqueiros, e as suas crianças logo quando têm dois ou três anos começam a montar a cavalo, domam cavalos e correm neles. E dão-se-lhes arcos de acordo com a sua idade, e são ensinados a lançar setas. São muito ágeis e também audazes.

11. As donzelas e as mulheres montam e correm a cavalo com a agilidade, tal como os homens. Vimo-las também carregar aljavas e arcos. E tanto os homens como as mulheres conseguem aguentar muito tempo sobre os cavalos. Têm estribos curtíssimos, guardam muito bem os cavalos, são mesmo os melhores conservadores do todas as coisas: vestes de peliz, sandálias, perneiras e todas as coisas que fazem com couro. Também conduzem e reparam carroças, carregam camelos e são muito velozes e empenhados em todas as suas obras. Todas usam vestes até aos joelhos, e algumas lançam setas como os homens.

Capítulo V: Do início do império dos tártaros, dos seus príncipes, do poder do imperador e dos seus príncipes

1. Tendo falado sobre os hábitos dos tártaros, acrescentaremos agora algo sobre o poder deles. Primeiramente, falaremos do seu império. Em seguida, dos príncipes do mesmo. Finalmente, falaremos do poder do imperador e dos seus príncipes.

2. Esta terra, da qual já falámos, situa-se no Oriente e é chamada de mongol. No passado, foi habitada por quatro povos: os mongóis Yeka, também chamados de “grandes mongóis”; os mongóis Su, também denominados de “aquáticos”, embora eles atribuam a si mesmos o nome de tártaros, devido ao rio que atravessa todo seu território se chamar Tartar; há ainda outros dois povos, os merquites e os mecrites^{xi}. Todos estes povos pertenciam a uma só raça e tinham uma só língua, embora estivessem divididos entre si em províncias e príncipes.

3. Na terra dos mongóis Yeka houve um homem chamado Gengis. Ele começou por ter o título de “caçador inabalável perante Deus” e aprendeu a roubar e a tomar de assalto todos os homens. Gengis ia a outras terras e não perdia a oportunidade de associar a si todos aqueles que pudesse capturar. Os homens da sua tribo inclinavam-se perante ele e, assim, o seguiam como chefe, cometendo crimes a seu lado. Gengis começou por lutar contra os mongóis Su, os tártaros, depois de ter associado a si inúmeros homens, e assassinou o chefe dos Su. Através de grandes batalhas subjugou os tártaros e reduziu-os a seus escravos. Depois disto, Gengis entrou em guerra com os restantes povos: com os merquites, vizinhos dos Tártaros e que ele subjugou através da guerra; depois, por fim, lutou contra os mecrites, tendo-os derrotado completamente.

4. Quando os naimanos ouviram que Gengis tinha conquistado uma posição tão elevada, ficaram indignados. Eles tinham tido um imperador muitíssimo corajoso, ao qual todos os povos que mencionei acima ofereciam tributos. Quando ele pagou a sua

dívida no mundo carnal, os seus filhos tomaram o lugar dele como sucessores. Porém, os seus filhos eram jovens e estúpidos; não sabiam governar o povo e viviam afastados e divididos um do outro. Na época em que Gengis já era de tal modo poderoso, os filhos do imperador dos naimanos cometiam crimes nas terras indicadas acima; matavam homens, mulheres e crianças e roubavam-lhes os bens.

5. Ao ouvir tais notícias, Gengis chamou a si todos os que lhe eram súbditos. Por seu turno, os naimanos e os kara-cataios, ou seja os cataios negros, reuniram-se igualmente para a guerra, num vale estreito entre dois montes, o qual atravessámos quando fomos ao encontro do imperador deles. Travou-se, assim, uma guerra, na qual tanto os naimanos como os kara-cataios foram totalmente derrotados pelos mongóis. A maior parte foi morta e os que não conseguiram fugir foram feitos escravos.

6. Na terra dos kara-cataios, Ugodei Khan^{xii}, filho de Gengis Khan, depois que tomou lugar como imperador, fundou uma cidade chamada Omyl^{xiii}, perto da qual, a sul, existe um grande deserto, no qual se diz, com bastante certeza, que vivem homens selvagens. Diz-se que estes não têm qualquer fala nem articulações nas pernas. Sempre que caem, só conseguem levantar-se com ajuda de outrem. Porém, possuem tanto engenho que fazem uns feltros de lã de camelo com os quais se vestem e que também colocam contra o vento. E se os tártaros vão ao território destes e os ferem com as suas setas, estes selvagens colocam erva nas feridas e escapam-lhes.

7. Quando regressaram à terra deles, os mongóis prepararam-se para a guerra com os cataios e, movendo acampamentos, invadiram a terra destes. Quando o imperador dos cataios soube do sucedido, atacou os mongóis com o seu exército e travou-se uma dura batalha, na qual os mongóis foram totalmente vencidos. Todos os nobres mongóis que se encontravam no exército nessa batalha, foram mortos, à excepção de sete. É por essa razão que, quando alguém os ameaça, dizendo «sereis mortos se fordes àquela terra, por causa do povo numeroso que lá mora e por os seus homens terem aptidão para a guerra», eles respondem: «no passado, fomos mortos e sobrevivemos apenas sete; mesmo assim, tornámo-nos uma imensa multidão, por isso não tememos tais ameaças».

8. Gengis e outros que sobreviveram fugiram para a sua terra. Gengis, depois de um breve descanso, preparou-se de novo para combater e foi para a guerra contra os huiros. Estes homens são cristãos, da seita nestoriana, os quais Gengis derrotou completamente no campo de batalha. Dos huiros, os tártaros receberam a escrita, uma vez que, antes disso, não possuíam sistema de escrita. Por isso, agora chamam-lhe escrita mongol. O chefe dos tártaros, continuando as suas batalhas, conquistou as terras dos sariemiuros^{xiv}, dos karanitas^{xv}, dos voirates^{xvi} e dos kananas^{xvii}.

9. Depois de regressar à sua terra e gozar de um breve descanso, Gengis convocou todos os seus homens e preparou-se, de igual modo, para enfrentar os cataios. Durante muito tempo lutou contra estes, o que fez com que tivesse conquistado uma grande parte da terra deles. Os tártaros cercaram o imperador dos cataios na maior cidade deste e mantiveram o cerco durante tanto tempo que o exército tártaro ficou totalmente desprovido de mantimentos. Como já nada tinham para comer, Gengis Khan ordenou que um em cada dez homens servisse de alimento aos restantes. De dentro da cidade, os cataios lutavam ferozmente contra os tártaros, com máquinas e setas. Quando se lhes acabaram as pedras, começaram a atirar prata, muita prata liquefeita, em vez das ditas pedras, tanto mais que a cidade era rica nesta matéria. Os tártaros, tendo já lutado durante muito tempo e visto que a probabilidade de ganhar era reduzida, decidiram escavar um túnel desde o seu acampamento até ao meio da cidade dos cataios. Depois, sem que os cataios soubessem, os tártaros apareceram subitamente à face da terra, precipitaram-se no meio do seu inimigo e lutaram com os cataios. Os soldados tártaros que se mantiveram fora da cidade, lutavam igualmente contra os cataios que os atacavam. Tendo derrubado as portas, entraram na cidade e, depois de matarem o imperador dos cataios e muitos outros homens, tomaram-na, levando ouro, prata e todas as riquezas dela. Por fim, os tártaros colocaram os seus homens no comando da cidade dos cataios e regressaram à sua terra. Assim, logo após a derrota do imperador dos cataios, Gengis Khan foi feito imperador daquela terra. Contudo, os tártaros não conquistaram de forma alguma, até aos dias de hoje, uma parte da terra dos cataios por esta estar situada junto ao mar.

10. Os cataios, dos quais já falámos anteriormente, são pagãos que têm uma escrita apenas sua. Segundo se diz, também têm o seu novo e antigo testamentos, os textos narrando as vidas dos seus padres; têm eremitas e edifícios construídos como as nossas igrejas, nos quais rezam de acordo com o seu próprio calendário; também dizem que têm santos. Cultuam um só deus, honram Jesus Cristo e crêem na vida eterna, mas não são baptizados. Prestam honra e reverência às nossas escrituras, são afeiçoados aos cristãos e praticam a caridade dando muitas esmolas. Eles parecem ser bondosos e humanos. Não têm barba e, nas suas feições, são muito semelhantes aos mongóis, embora não tão largos de cara. Têm a sua própria língua. Não se encontram melhores artífices no mundo em toda e qualquer tarefa das que os homens costumam exercer. A terra deles é muitíssimo rica em cereais, vinho, ouro, tecidos de seda e em tudo aquilo que é o normal sustento da natureza humana.

11. Depois de um breve descanso, Gengis dividiu o seu exército. Em seguida, enviou um dos seus filhos, chamado Tossuc^{xviii}, também apelidado de “Khan” – ou seja, “Imperador”, com um exército contra os cumanos, que foram derrotados numa grande guerra. Finalmente, após sair vencedor, regressou à sua terra.

12. O seu segundo filho foi enviado contra os indos, conquistando a Índia Menor^{xix}. Os habitantes desta região são sarracenos negros, chamados de “etíopes”. Depois, o seu exército prosseguiu a luta, contra os cristãos da Índia Maior^{xx}. Quando tal ouviu, o rei daquela terra, chamado de Preste João, reuniu um exército contra o exército tártaro. Preste João fez bonecos de cobre, como se fossem homens, colocou os bonecos, com fogo por dentro, em cavalos selados, e homens com foles, montados nos cavalos, atrás dos ditos bonecos. E, com tal quantidade de bonecos e cavalos, partiu para a guerra com os tártaros. Quando chegaram ao local da batalha, os soldados de Preste João dispuseram os cavalos em filas. Os homens, que se encontravam atrás dos bonecos, colocaram algo que desconheço sobre o fogo que estava dentro dos mesmos, e sopraram os foles com força. Como resultado, os soldados tártaros, bem como os seus cavalos, ardiam devido a esse fogo grego e o ar tornou-se negro devido ao fumo. Depois, os soldados de Preste João lançaram setas sobre os tártaros, tendo assim ferido e matado muitos homens. E assim, com a

confusão, os tártaros retiraram das suas linhas de defesa. Não houve vez alguma que tenhamos ouvido que os tártaros tivessem voltado à Índia Maior.

13. No seu regresso, os tártaros foram por terras desertas, tendo chegado a uma terra que possuía monstros semelhantes a mulheres – isto nos foi dito na corte do imperador por clérigos rutenos^{xxi} e outros que viveram durante muito tempo entre os tártaros. Quando os soldados tártaros perguntaram, por meio de muitos intérpretes, às tais mulheres onde estavam os homens daquela terra, elas responderam que quem quer que nascesse mulher tinha forma humana mas que os homens tinham forma canina. Enquanto os tártaros prolongaram a sua estadia naquela terra, no outro lado do rio os cães foram-se juntando num só local e, apesar de ser um Inverno muito rigoroso, lançavam-se à água. Depois, revolviam-se no pó da terra, descontrolados. Assim, o pó, misturado com a água, congelava sobre eles. Fizeram isto tantas vezes que criaram uma camada densa de gelo sobre eles. E, por fim, atacaram os tártaros impetuosamente. Os tártaros lançavam setas sobre os cães, mas as setas faziam ricochete, como se batessem em pedra; além disso, nenhuma outra arma tártara conseguiu feri-los. Os cães, porém, cometeram um grande ataque, ferindo e matando muitos tártaros com mordeduras, expulsando-os, assim, do seu território. É por isso que os tártaros têm, até hoje, um provérbio: ou o teu pai ou o teu irmão foi morto por um cão. As mulheres daquele povo que os tártaros capturaram, levaram-nas para a sua terra e aí permaneceram até que morreram todas.

14. No regresso, o exército dos mongóis dirigiu-se à terra dos burithabet^{xxii}, a qual conquistou por meio das armas. Os homens desta terra são pagãos e têm o costume admirável – ou melhor, miserável – de, quando o pai de algum deles salda a sua dívida para com a natureza humana, se colocarem junto ao falecido membro da família e o comerem – disseram-nos isto como verdadeiro. Os homens burithabeth não têm barba e, de facto, trazem consigo uma certa faca – e nós vimos – com que rapam sempre a barba tão rente que, se crescer um pelo, este sairá disforme. Depois disto, os mongóis voltaram à sua terra.

15. Naquele tempo, Gengis Khan dividiu os seus outros exércitos e conduziu uma expedição para oriente, até à terra dos kergis^{xxiii}, os quais ele não venceu em batalha e, pelo que aí mesmo nos foi dito, seguiu até aos Montes Cáspios^{xxiv}. Aqueles montes, na parte aonde chegaram os tártaros, são de pedra adamantina, por isso atraíam as setas e as armas de ferro deles. Segundo consta, os homens que vivem isolados nos Montes Cáspios, quando ouviram o barulho do exército mongol, começaram a destruir um monte. Passados dez anos, quando os tártaros regressaram, encontraram o monte feito em pedaços. Quando os tártaros procuraram ter acesso aos ditos montes, não conseguiram, porque havia uma nuvem diante deles e que eles não conseguiam atravessar de modo algum, uma vez que perdiam logo totalmente a visão ao se aproximarem dela. Os homens daquelas montanhas, porém, acreditando que os Tártaros não tinham medo das montanhas mas sim deles, fizeram uma investida contra os tártaros, mas logo viram que não conseguiam avançar para além da nuvem, pela mesma razão já referida. Antes que tivessem chegado a estes montes, os tártaros já tinham atravessado a vasta solidão da terra durante mais de um mês.

16. Indo daí para oriente, atravessaram um grande deserto durante mais de um mês e, segundo nos foi dito e dado como certo, chegaram a uma terra onde era possível ver que as estradas estavam calcadas, mas não conseguiram ver ninguém. Porém, tanto andaram pela terra à procura, que encontraram um homem com a sua esposa, os quais os tártaros trouxeram à presença de Gengis Khan. Quando este perguntou ao casal onde viviam os homens daquela terra, o casal respondeu-lhe que viviam dentro de terra, debaixo dos montes^{xxv}. Gengis Khan manteve a mulher cativa e enviou o homem, ordenando que os ditos homens viessem sob ordem sua. O homem dirigiu-se aos outros e contou-lhes tudo o que Gengis Khan lhe tinha dito. Os ditos homens responderam-lhe que viriam num determinado dia para cumprir a ordem de Gengis Khan. Porém, em pouco tempo, estes homens se juntaram em caminhos subterrâneos e lançaram-se em guerra contra os tártaros. Como irromperam subitamente por sobre os tártaros, assassinaram muitos deles. Mas tanto Gengis Khan como os seus homens, vendo que não faziam progressos na luta e que, de facto, iam perdendo os seus homens, porque não podiam aguentar som do sol, fugiram dali e abandonaram aquela terra. (Naquela altura em que o sol se levantava, os soldados tinham que colocar uma orelha sobre a terra e tapar a outra com toda a força, para não ouvirem aquele som

terrível, para tomarem cuidado, caso contrário muitos deles seriam mortos por causa do dito som.) Os tártaros levaram consigo o casal, que ficou na terra dos tártaros até ambos terem morrido. Quando perguntaram ao casal por que razão viviam debaixo em subterrâneos, estes responderam que, numa determinada época do ano, quando o sol levanta, havia tanto barulho que os homens não podiam de todo aguentar, tal como o que foi dito acima acerca dos tártaros. Por essa mesma razão, estes homens tocavam órgãos, tímpanos e outros instrumentos, para que não ouvissem aquele som.

17. Quando Gengis Khan e os seus regressavam daquela terra, faltaram-lhes alimentos e tiveram imensa fome. Gengis Khan encontrou os interiores ainda frescos de um animal e deu-os aos seus soldados, que, depois de retirar as fezes, os cozinharam e os trouxeram à presença de Gengis Khan, que os comeu com os seus soldados. Foi a partir desta refeição que Gengis Khan instituiu a regra de que nem o sangue nem os interiores de um animal que fosse para comer fossem deitados fora, à excepção das fezes.

18. Depois de regressar à sua terra, Gengis Khan fez inúmeras leis e normas, que os tártaros não ousam violar. De todas essas leis, daremos conta de duas. A primeira é que quem quer que, num acto de soberba, queira tornar-se chefe com a sua própria autoridade e sem a eleição dos príncipes, deve ser morto sem piedade alguma. Por causa desta lei, antes da eleição de Güyük como imperador, um dos príncipes da família do próprio Gengis Khan foi morto. Ele queria reinar sem que a eleição tivesse lugar. A outra lei de que damos conta é que os tártaros deveriam subjugar ao seu poder toda e qualquer região. Além disso, não deveriam manter relações pacíficas com nenhum povo, a não ser que este se lhes submetesse, mesmo que isso implicasse chegar ao ponto de os matar a todos.

19. Assim sendo, os tártaros lutaram durante quarenta-e-dois anos e ainda deverão reinar durante dezoito anos. Segundo eles próprios dizem, depois disto deverão ser derrotados por outra nação, embora não saibam qual seja ela. Isto – dizem – é o que lhes está vaticinado. Também dizem que aqueles que conseguem fugir aos tártaros devem observar a lei reservada aos que os derrotam no campo de batalha. Gengis

Khan estabeleceu ainda que o seu exército deveria organizar-se em milenários, centenários, decanos^{xxvi} e em “trevas”^{xxvii}, ou seja grupos de dez mil homens. Gengis Khan estabeleceu ainda inúmeras leis, com as quais nos alongaríamos muito se as enumerássemos e, por isso mesmo, não temos conhecimento delas. Depois que estabeleceu todas estas regras e normas, Gengis Khan foi morto por um relâmpago.

20. Ele teve quatro filhos: Ogodei, Jochi, Chagatai e do quarto não sabemos o nome. Destes descenderam todos os quatro príncipes mongóis. O primeiro^{xxviii}, ou seja, Ogodei Khan, teve os seguintes filhos: Güyük, que é o actual imperador, Godan e Shiremun^{xxix}. Não sabemos se Ogodei teve mais filhos. Jochi teve os seguintes filhos: Batu, que é o mais poderoso e com mais autoridade depois do imperador, Ordu, o mais velho de todos os príncipes, Shiban, Bora, Berke e Tangkute. Desconhecemos os nomes dos restantes filhos de Jochi. Chagatai tem os seguintes filhos: Büri^{xxx} e Kadan^{xxxi}. Também não sabemos o nome dos restantes filhos dele. Os filhos do outro filho de Gengis Khan cujo nome nos é desconhecido, são: Mengu^{xxxii}, cuja mãe é Sorkaktani – considerada uma senhora mais poderosa e de maior renome entre os Tártaros, à excepção da mãe do imperador e de Batu – e ainda Bujek. Este filho de Gengis Khan teve ainda outros filhos, mas não sabemos os nomes deles.

21. Estes são os nomes dos chefes militares: Ordu, que foi até à Polónia e Hungria; Batu, Büri, Shiban, Dinget, que foram até à Hungria; e Churmagan, que atravessou o mar, para combater os sultões sarracenos e outros que vivem além-mar. Os chefes militares que ficaram na sua terra são os seguintes: Mengu, Shiremun, Kublai, Saraman, Shinkur, Togha Temür, Karajar^{xxxiii}, o velho Subotai^{xxxiv}, que todos descrevem como valente guerreiro, Bora, Berke, Baidar, Coreza^{xxxv}, embora este último seja o mais inferior de todos. Há ainda mais chefes, mas desconhecemos os nomes deles.

22. O imperador dos tártaros tem um poder admirável sobre toda a gente. Ninguém ousa acampar em outro lugar que não aquele que o imperador assinala. Ele designa o local onde devem acampar os chefes; os chefes, por sua vez, decidem os locais de acampamento dos milenários; estes, por seu turno, designam os locais de

acampamento dos centenários; estes, por fim, procedem do mesmo modo para com os decanos. Além disto, obedecem sem discussão alguma, aconteça o que acontecer, em qualquer altura, em qualquer lugar, seja uma questão de guerra, de morte ou de vida. Assim, mesmo que o imperador peça uma filha ou irmã virgem, dão-lha sem discussão. De facto, em anos seguidos ou, nalguns casos, com intervalos, o imperador juntou virgens de todas as partes da terra dos tártaros; e se ele quer ficar com algumas, fica; outras, dá-as aos seus homens, como lhe parece melhor para se desfazer delas.

23. O imperador envia quem quer e para onde quer como mensageiro e considera necessário que estes mensageiros recebam, sem demora, cavalos que possam ser puxados e mantimentos. Venham donde vierem, como transportadores de tributos ou mensageiros, é necessário que lhes sejam dados cavalos, carros e mantimentos. Mas os enviados que vêm de outras terras trazem sustento e roupa muito pobres, uma vez que os mantimentos que carregam são poucos e maus. Isto acontece, sobretudo, quando vêm como enviados aos príncipes e têm que encurtar a sua estadia, pois o pouco que é dado a dez pessoas dificilmente dá para que duas possam viver. Além disso, nem nas cortes dos príncipes, nem na rua lhes dão de comer, a não ser uma vez por dia e muito pouco. Se alguém comete alguma injustiça contra estes enviados, estes não podem queixar-se facilmente e é necessário que suportem essa injustiça pacientemente. Acrescente-se ainda que muitos príncipes e outros homens mais e menos importantes lhes pedem muitos presentes e, se estes não lhos dão, vilipendiam-nos, como se os considerassem como coisa nenhuma. Se estes enviados vêm da parte de grandes senhores, os tártaros recusam-se a receber um presente modesto e dizem-lhes: «vindes da parte de uma grande senhor e dais-nos algo tão modesto». É deste modo que os tártaros recusam com desdém um presente. Por isso, se os enviados querem cumprir bem a sua missão, têm que lhes dar presentes maiores. Explica-se, assim, a razão pela qual nos vimos forçados a dar aos tártaros como presentes a maior parte das coisas que nos foram dadas pelos fiéis como mantimentos.

24. Há algo que deve ser sabido: que o imperador é dono de tudo e ninguém ousa dizer que algo é seu e não dele. Tudo é dele: coisas, pessoas e gado. Ele próprio estabeleceu esta norma há pouco tempo. Do mesmo modo, os seus chefes têm poder

sobre tudo o que diz respeito aos homens que comandam, daí que os tártaros estejam divididos em grupos liderados por estes chefes. Assim, os homens, sejam eles do imperador ou quaisquer outros, são obrigados a dar, sem objecção, aos enviados dos chefes, para onde quer que estes os enviem, cavalos domados, dinheiro e pessoal para cuidar dos cavalos e servir os mensageiros. Tanto os chefes como outros, como forma de pagamento, são também obrigados a dar burros ao imperador, em conjuntos de dois ou três, como lhe aprouver, para que ele tenha leite todo o ano. O mesmo procedimento têm os homens dos chefes para com os seus senhores, pois nenhum deles é livre. À guisa de resumo, tudo aquilo que o imperador e os chefes queiram, aceitam-no dos homens que comandam – eles dispõem das pessoas abaixo deles de acordo com a sua boa vontade.

25. Depois que o imperador morreu, como foi dito acima, os chefes juntaram-se e elegeram Ogodei, filho de Gengis Khan, como imperador. Ele, segundo o costume, dividiu o seu exército no consílio dos príncipes. Enviou Batu, seu parente em segundo grau, contra a terra de Altisoldan^{xxxvi} e contra a terra dos biserminos^{xxxvii}. Estes últimos eram sarracenos, mas falavam cumânico^{xxxviii}. Quando Ogodei entrou na terra deles, fez-lhes guerra e subjugou-os ao seu poder. Outra cidade, porém, de nome Barchin^{xxxix}, ofereceu-lhe longa resistência. Os habitantes da cidade tinham cavado muitos buracos à volta da mesma e tinham-nos coberto para que não se notassem; e quando os Tártaros chegaram à cidade, caíram nos buracos. Por isso, não puderam conquistar a cidade antes de encontrarem um modo de encher os ditos buracos.

26. Os habitantes de uma certa cidade, chamada Sakint^{xl}, quando ouviram a notícia da invasão da outra cidade, saíram da sua, no encalço dos Tártaros e entregaram-se de livre vontade a estes. Por isso, a sua cidade não foi destruída, embora os tártaros tivessem matado muitos e levado outros consigo. Depois de tomarem para si os despojos da cidade, povoaram-na com outros homens e seguiram caminho, contra a cidade de Ornas^{xli}. Esta cidade era muitíssimo populosa. Havia lá inúmeros cristãos, certamente gazaros^{xlii}, rutenos e alanos, e também sarracenos. O governo da cidade, porém, era sarraceno. Era uma cidade cheia de riquezas, à beira do rio^{xliii} que corre por Sakint e pela terra dos biserminos e que desagua no mar. Daí que a cidade seja

como um porto e que os sarracenos lá tenham o maior de todos os mercados. Como não conseguiam vencer os habitantes de outra maneira, os Tártaros bloquearam o rio que corria pela cidade e deixaram-na debaixo de água, com pessoas e coisas. Depois de fazerem isto, entraram na terra dos Turcos, que são pagãos.

27. Após terem conquistado esta cidade, os tártaros dirigiram-se para a Rússia e aí causaram um enorme estrago: destruíram cidades e castelos; mataram homens; e tomaram Kióvia^{xliv}, a maior cidade russa. Durante muito tempo, mantiveram Kióvia cercada e, depois, tomaram-na e mataram os habitantes. Por essa razão, quando passámos naquela terra, cruzámo-nos com inúmeras cabeças e ossadas de homens mortos deixadas no campo. No passado, aquela cidade tinha sido grande e muito populosa, mas agora está reduzida a quase nada. Não há mais do que umas duzentas casas lá e quem ainda lá vive é mantido como servo sob controlo dos tártaros. Estes continuaram a sua luta e destruíram toda a Rússia.

28. Da Rússia e da Cumânia, os chefes referidos acima continuaram e lutaram contra os húngaros e os polacos, que mataram muitos tártaros nos seus países. Se os tártaros não tivessem fugido e os húngaros resistido corajosamente e expulsado os tártaros do seu território, os tártaros tê-lo-iam feito por si, porque tiveram tal medo, que tentavam todos escapar aos húngaros. Mas Batu, desembainhou a espada, e fez frente aos seus soldados, dizendo: «não fujais; porque, se fugirdes, ninguém há-de escapar; e se devemos morrer, morreremos todos, e acontecerá o que Gengis Khan vaticinou, que um dia deveríamos ser mortos. Mas se agora for tempo de sobreviver, sobreviveremos». Com tal encorajamento, permaneceram na Hungria e destruíram-na.

29. No seu regresso da Hungria, os tártaros chegaram à terra dos morduanos^{xlv}, povo pagão, e conquistaram-nos através da guerra. Continuaram até à terra dos billeros^{xlvi}, ou seja a Grande Bulgária, e destruíram-na por completo. Daqui, seguiram caminho para norte, contra os bascart^{xlvii}, ou seja, na Grande Hungria, e derrotaram-nos também.

30. Os Tártaros continuaram o seu percurso, ainda mais para Norte, e chegaram a terra dos parossitas^{xlviii}. Pelo que nos foi dito, os parossitas têm estômagos pequenos e bocas pequeninas e não comem. Em vez disso, cozem a carne até ficar quase desfeita,

põem-na sobre uma panela e deixam o fumo vir até eles, confortando os seus estômagos apenas com esse fumo. Se comem alguma coisa, é mesmo muito pouco.

31. Depois, os tártaros chegaram à terra dos samogedos^{xlix}. Segundo se diz, este povo vive quase exclusivamente da caça. As tendas e as vestes destes são feitas somente de peles de animais. Na continuação da sua campanha, chegaram a uma terra junto ao mar, na qual encontraram monstros que, segundo o que nos foi dito e garantido, que em tudo tinham forma humana, mas os pés acabavam como se fossem as patas de um bovino; também tinham a cabeça com a forma da cabeça humana, mas a cara era como a de um cão. Falavam duas palavras como gente, mas a terceira ladravam-na como cães. E assim, o seu ladrar vinha de permeio entre as palavras, pelo que voltavam ao seu discurso. Deste modo, era possível compreender o que diziam. Deste local, os tártaros regressaram à Cumânia, tendo alguns deles aí permanecido até hoje.

32. Nesse tempo, Ogodei Khan enviou Churmagun com um exército para sul contra os kergis, os quais ele derrotou numa batalha. Estes povo é pagão e os homens não têm barba. Têm um costume que é o seguinte: quando morre o pai de algum deles, perante a dor da perda, extraem uma tira de pele da sua cara, de orelha a orelha, em sinal do seu lamento.

33. Tendo derrotado este povo, Churmagun dirigiu-se para sul, em direcção à terra dos arménios. Mas, enquanto atravessavam terras desertas, Churmagun e os seus encontraram certos monstros, segundo o que nos foi garantido como certo. Estes monstros tinham uma aparência humana, mas possuíam apenas um braço com uma mão, no meio do peito, e um só pé. Assim, eram precisos dois deles para lançar setas com um só arco. Além disso, corriam tão velozmente que nem os cavalos conseguiam seguir-lhes os passos. Corriam saltando no seu único pé, por isso, como ficavam tão cansados de andar assim, iam alternando entre a mão e o pé, como num círculo. Isidoro¹ chamou este povo de “ciclopes”. Sempre que estavam cansados, eles corriam deste modo. Os tártaros mataram alguns deles e, segundo aquilo que nos foi dito na corte pelos clérigos rutenos que vivem com o imperador, muitos enviados deles vieram em embaixada para junto do imperador de que acima falámos, a fim de fazerem a paz com ele. A seguir, os tártaros chegaram à Arménia, cujo exército venceram em batalha. Destruíram, também, uma parte da Geórgia, sendo que a outra

parte ficou sobre o seu domínio. Os armênios deram quarenta mil hipérpiros^{li} num só ano como tributo e assim têm procedido até hoje.

34. Os tártaros continuaram até à terra do sultão de Urum^{liii}, que era um homem grande e poderoso, com o qual combateram e o qual venceram. E continuaram, guerreando e vencendo, até à terra do sultão de Alapi^{liiii}. Agora, tomaram também essa terra e propõem-se tomar outras mais para lá desta. Até hoje, não regressaram à sua terra. Os tártaros entraram ainda em combate contra do Califado de Baldac^{liv}, que subjugou ao seu poder. Os seus habitantes dão por dia, como tributo aos tártaros, quatrocentos besantes^{lv}, além de panos e outros presentes. E todos anos enviam mensageiros em nome do califa, que vem visitar os tártaros. Estes mensageiros, trazendo consigo grandes presentes, pedem que os tártaros apoiem o califa. É o próprio imperador que aceita os presentes; contudo, faz com que o califa venha até à sua presença.

Capítulo VI: Sobre a guerra, a organização das tropas, as armas, as astúcias no ataque, a crueldade para com os cativos, o cerco das praças fortes, a perfídia para com aqueles que se lhes rendem

1. Tendo falado do império, devemos agora falar da guerra. Em primeiro lugar, sobre a organização das tropas; em segundo, sobre as armas; em terceiro, sobre as astúcias no ataque; em quarto, sobre a crueldade que fazem aos cativos; em quinto, sobre o cerco das fortalezas e cidades; em sexto, sobre a perfídia que exercem contra aqueles que se lhes rendem.

2. Sobre a organização das tropas, Gengis Khan decretou que à frente de dez homens fosse posto um, e chama-se ele, à nossa maneira, um decano; que à frente dez decanos fosse posto um que se designa centenário; que à frente de dez centenários fosse posto um que se chama milenário; que à frente de dez milenários fosse posto um, e esse número é chamado de “trevas”. À frente de todo o exército, por seu lado, são postos dois ou três generais, mas de forma a que tenham obediência a um só.

3. Quando as tropas estão na guerra, se de um grupo de dez homens foge um, ou dois, ou três ou até mais, são todos mortos. E se fogem todos os dez, se não fugirem outros cem, são todos mortos. E para dizê-lo em poucas palavras, se não desertarem em conjunto, todos os que fogem são mortos. Do mesmo modo, se um ou dois ou mais se lançam com audácia à luta e outros dez não os seguem, são também mortos. E se um ou mais de dez são capturados e os outros companheiros não os libertam, são também mortos.

4. No que respeita às armas, todos devem ter pelo menos estas: dois arcos ou três, ou pelo menos um bom, três aljavas grandes cheias de setas, uma machadinha e cordas para puxar as máquinas de guerra. Quanto aos ricos, têm espadas aguçadas na ponta, com lâmina apenas num dos lados e um pouco curvas. E têm um cavalo armado, pernas cobertas, elmos e uma couraça. Alguns também têm couraças e a cobertura de

couro para os cavalos feitas desta forma: têm algumas correias de boi ou de outro animal com a largura de uma mão, untam três ou quatro juntas e atam-nas com pequenas correias ou cordões. Na correia de cima põe cordões no fim, e na de baixo põem-nos no meio, e fazem assim até ao fim. Por isso quando se inclinam as correias de baixo sobrepõem-se às de cima, e assim duplicam ou até triplicam sobre o corpo.

5. Da cobertura do cavalo fazem cinco partes: fazem uma de um lado do cavalo e outra do outro lado. Estas partes estendem-se da cauda até à cabeça, ligam-se à sela e, depois da sela, ao dorso e também ao pescoço. Sobre os rins também põem outra parte, onde se juntam as ligaduras dos dois lados. Nesta peça fazem um orifício pelo qual sai a cauda. E diante do peito põem também uma. Todas se prologam até aos joelhos ou até às juntas das pernas. E diante da fronte põem uma lâmina de ferro, que se liga, de um e outro lado do pescoço, às referidas partes.

6. A couraça, por seu lado, tem também quatro partes. Uma parte estende-se do fémur até ao pescoço, mas é feita de acordo com a organização do corpo humano, pois é apertada à frente do peito e, abaixo dos braços, envolve-se circularmente à volta do corpo. Da parte de trás têm outra peça sobre os rins, que se estende do pescoço até à outra peça que envolve o corpo. Estas duas peças, ou seja a anterior e a posterior, ligam-se sobre os ombros por meio de fivelas a duas lâminas de ferro que estão sobre cada ombro. E em cada braço têm uma peça que se estende dos ombros até às mãos. São elas abertas em baixo, e em cada perna têm uma peça. Estas peças juntam-se todas por meio de fivelas.

7. Quanto ao elmo, em cima é feito de ferro ou de aço, mas o que protege à volta do pescoço e da garganta é de couro. E todas estas peças são feitas de couro de acordo com o que foi descrito mais acima.

8. Alguns têm de ferro tudo o que mais acima dissemos, feito desta forma: fazem uma lâmina fina com a largura de um dedo e com o comprimento de uma palma, e deste modo fazem muitas lâminas. E em cada lâmina fazem oito pequenos orifícios, e põem

por dentro três correias estreitas e fortes, e põem as lâminas uma sobre a outra como que a subir em degraus, e atam com pequenos cordões as referidas lâminas a correias que enfiam pelos orifícios acima descritos, e na parte de cima cosem uma pequena correia, de modo a que as referidas lâminas se unam bem e firmemente uma à outra. E fazem destas lâminas como que uma só correia, e depois atam-nas a todas por meio de peças, como foi dito acima. E fazem isto tanto para as armaduras dos cavalos como para as dos homens, e assim as fazem luzir de tal maneira que um homem pode nelas vez o seu reflexo.

9. Alguns deles têm lanças, e na haste da lança de ferro têm um gancho, com o qual arrancam um homem da sela, se conseguirem. O comprimento das suas setas é de dois pés, dois palmos e dois dedos. E porque os seus pés são diferentes, pomos a medida do pé geométrico: dois grãos de cevada são uma polegada transversal, dezasseis polegadas transversais fazem um pé geométrico. A parte de ferro das setas é muito aguçada. Estas setas cortam de ambos os lados como uma espada de dois gumes. Além disso, os Tártaros trazem sempre limas junto das aljavas para afiar as setas. As referidas partes de ferro têm uma cauda aguda com o comprimento de um dedo, que introduzem na madeira.

10. Têm um escudo de vimes ou de ripas, mas não cremos que os usem senão nos acampamentos militares e para a guarda do imperador e dos príncipes, mas isto apenas de noite. Têm também outras setas para atirar a aves e bestas e homens desarmados, com a largura de três dedos. Têm, no entanto, ainda outras setas de diversas formas para atirar a aves e bestas.

11. Quando querem partir para a guerra, enviam exploradores que não levam nada consigo a não ser as suas tendas de feltro, cavalos e armas. Eles não roubam nada, não incendeiam casas, não matam bestas, mas apenas ferem homens e matam-nos e, se não podem fazer mais nada, põem-nos em fuga. Contudo, com muito mais prazer matam do que afugentam. Depois deles segue o exército, que saqueia tudo o que acha, e também prendem ou matam homens, se os conseguirem achar. Além disso, os

chefes do exército enviam, depois disto, salteadores a todo o lado para acharem homens e jumentos. São eles muito sagazes na busca.

12. Quando chegam aos rios, passam-nos desta maneira, mesmo se são grandes: os mais importantes têm um barco de couro redondo e leve no qual, na parte de cima, fazem à volta muitas presilhas, nas quais passam e apertam uma corda, de maneira a que façam à volta uma espécie de barriga, que enchem com roupas e outras coisas, e apertam com muita força umas às outras. Depois disto, põem no meio selas e outras coisas mais duras. Os homens também se sentam no meio, e atam à cauda de um cavalo o barco assim preparado. E fazem um homem nadar adiante com o cavalo, para governar o cavalo. Ou então têm às vezes dois remos, e remam com eles pelas águas, e assim atravessam o rio. Deitam os cavalos à água, e um homem nada junto do cavalo que governa, e os outros cavalos seguem-no. E assim passam as águas e rios grandes. Outros mais pobres, por seu lado, tem uma bolsa de couro bem cosida (cada um tem de ter uma). Nessa bolsa ou saco colocam todas as suas coisas, atam com força a parte de cima do saco, e penduram-no na cauda de um cavalo e passam como foi dito acima.

13. É preciso saber que, quando vêem inimigos, avançam então para eles, e cada um lança três ou quatro setas contra os seus adversários. E se vêem que não os podem vencer, voltam para trás, para os seus. E fazem-no para enganar, para que os adversários os sigam para os lugares onde prepararam emboscadas. E se os seus inimigos os seguem para as referidas emboscadas, rodeiam-nos e assim os ferem e matam. Do mesmo modo, se vêem que há um grande exército contra eles, às vezes afastam-se dele por uma jornada ou duas, e invadem outra parte da terra, e saqueiam e matam os homens e destroem e devastam a terra. E se vêem também que não o podem fazer, recuam às vezes até dez ou doze jornadas, e demoram-se num lugar seguro, até que o exército dos adversários se aparte, e então chegam furtivamente e devastam toda a terra. Na verdade, são muito astutos nas guerras, pois já lutam durante quarenta ou mais anos com outros povos.

14. Mas quando querem entrar em guerra, dispõem todas as tropas em posição. Os generais e os chefes do exército não entram em guerra, mas ficam ao longe, diante dos exércitos inimigos, e têm junto de si as crianças a cavalo, e as mulheres e os cavalos. E, de vez em quando, fazem representações dos homens e põem sobre os cavalos. Fazem isto para que se pense que a multidão dos beligerantes é grande. Envia para diante dos inimigos uma tropa de cativos e de outras gentes que vivem entre eles, e talvez vão alguns tártaros com eles. Envia outras tropas de homens mais fortes à esquerda e à direita, de forma a não serem vistos pelos seus adversários, e assim rodeiam os adversários, e juntam-se no meio, e começam a lutar de cada lado. Embora às vezes sejam poucos, os adversários que foram cercados pensam que são muitos, e sobretudo porque vêem que aqueles que estão com o general ou chefe do exército são crianças e mulheres e cavalos e homens a fingir, como foi dito acima, os quais cuidam que são combatentes, e são por isto amedrontados e confundidos. E se, por acaso, os adversários guerreiam bem, dão-lhes caminho para fugir. E assim que começam a fugir e a separar-se uns dos outros, vão atrás deles e matam na fuga muitos que não puderam massacrar na guerra. É preciso saber, no entanto, que se podem fazer de outra maneira, não guerreiam corpo a corpo de boa vontade, mas ferem e matam com setas homens e cavalos.

15. Tomam deste modo as fortificações: se existe uma fortificação, cercam-na, e ainda algumas vezes fazem barreiras, de modo a que ninguém possa entrar ou sair. E guerreiam muito bravamente com máquinas e setas, e não abandonam a luta nem de dia nem de noite, de modo a que os que estão nas fortalezas não tenham descanso. Os próprios tártaros, todavia, descansam, pois dividem as tropas e uma vai a seguir à outra na batalha, para não se cansarem demasiado. E se não a conseguem tomar desta maneira, lançam fogo grego. Costumam às vezes até recolher a gordura dos homens que matam, e lançam-na derretida sobre as casas. E onde quer que o fogo caia sobre aquela gordura, arde quase sem se conseguir extinguir. Pode-se extinguir, todavia, de acordo com o que se diz, com vinho ou cerveja derramada. E se cair sobre a carne, pode-se extinguir esfregando com a palma da mão.

16. E se não conseguem assim e aquela cidade ou fortaleza tiver um rio, obstruem-no ou fazem outro leito, inundando aquela fortaleza, se o conseguirem. Se não conseguirem, escavam por baixo dela, e entram nela por baixo, armados. E quando já

entraram, uma parte põe fogo para a incendiar e a outra parte guerreia com os homens dessa fortaleza. Mas se não conseguem vencê-la assim, fazem um castro ou uma fortificação sua diante dela, para não serem atingidos pelos dardos dos inimigos, e ali ficam diante dela durante muito tempo, não vá ela ter a ajuda externa de um exército que guerreie com eles e os retire à força. Mas quando ficam diante da fortaleza, falam-lhes com brandura e prometem-lhes muitas coisas, para que se entreguem nas suas mãos. E se eles se lhes renderem, dizem: «saí, para que vos contemos de acordo com o nosso costume!» E quando eles saem, perguntam quais são de entre eles os artesãos, e põem-nos de parte. Quanto aos outros, tirando aqueles que querem ter como escravos, matam-nos com um machado. E se poupam alguns deles, como foi dito, nunca poupam os nobres e os homens de boas famílias. E se, por algum motivo, põem de parte alguns nobres, já não conseguem sair do cativoiro nem por prece nem por dinheiro.

17. Matam pois todos os que capturam nas guerras, a não ser que, por acaso, queiram pôr de parte alguns para os terem como escravos. Dividem os que são para matar em grupos de cem, para serem por eles mortos com uma machadinha de dois gumes. Após isto, no entanto, dividem-nos pelos cativos, e dão a cada servo dez ou mais, ou menos, de acordo com o arbítrio dos mais velhos, para os matarem.

Capítulo VII: Da forma como os tártaros fazem a paz, dos nomes dos territórios que conquistaram, da tirania que exercem sobre os que governam e dos territórios que conseguiram corajosamente resistir-lhes

1. Escreveremos agora sobre a forma como os tártaros lutam e acerca dos territórios que subjugarão ao seu domínio. Primeiramente, falaremos de como os tártaros fazem a paz com outros povos; em segundo lugar, dos nomes dos territórios que conquistaram; em terceiro lugar, trataremos da tirania que infligem aos outros; finalmente, falaremos dos territórios que conseguiram resistir-lhes corajosamente.

2. Deve saber-se, em primeiro lugar, que os tártaros não fazem a paz com nenhum povo, a não ser que este se lhes subjogue, pois, como dissemos acima, têm de cumprir o voto que Gengis Khan fez – subjugar a si todas as nações tanto quanto possível. Eis o que os tártaros lhes pedem: que se juntem ao seu exército contra qualquer homem ou povo segundo a vontade dos tártaros e que lhes dêem um décimo de tudo o que possuem – pessoas e bens. Por isso, os tártaros contam dez rapazes e tomam um desses dez; com as raparigas, procedem de igual modo. Depois levam-nos a todos para a sua terra e têm-nos como escravos. Quanto aos restantes, os tártaros contam-nos e organizam-nos segundo o seu costume.

3. Porém, quando os tártaros têm domínio total sobre outros povos, não cumprem nada do que lhes haviam prometido. Em vez disso, usam contra esses povos quaisquer subterfúgios que lhes sejam convenientes. Quando estávamos na Rússia, foi enviado ao Imperador um sarraceno da parte do já referido Güyük Khan e de Batu. Tal como depois nos foi dito, este oficial levava, como lhe aprazia, um rapaz de qualquer homem que tivesse três; ele levava também os homens que não tinham mulheres. Procedia de igual modo com as mulheres que não tinham maridos legítimos. Este oficial também mandava que os pobres que, mendigando, pediam alimento, fossem deportados. Depois, contava os que ficavam segundo o costume dos Tártaros, dando instruções para que cada pessoa – pequena ou grande, ou até bebês de um dia e qualquer homem, fosse pobre ou rico – enviasse o seguinte tributo: oferecer uma pele

de urso branco, outra de castor negro, outra de uma marta negra, e outra – também negra – de uma animal que tem uma toca na terra, cujo nome não sabemos como traduzir para latim, mas que os polacos e os rutenos chamam de “dorcori”^{lvi}. Finalmente, ainda têm que oferecer uma pele de raposa negra. Quem não der este tributo aos tártaros é levado e feito escravo.

4. Os tártaros exigem a presença dos príncipes dos vários territórios, para que venham até eles sem demora. Quando os príncipes chegam, não recebem nenhuma das honras que lhes são devidas, mas, em vez disso, são tratados como quaisquer pessoas comuns e é necessário que ofereçam grandes somas de dinheiro tanto aos chefes tártaros como às esposas destes e aos milenários e centenários. De facto, todos, de um modo geral, até mesmo os servos, lhes pedem dinheiro com grande rudeza; e nem sequer fazem isso só aos príncipes, mas também aos enviados destes, quando os enviados vêm em missão.

5. Há ocasiões em que os tártaros também os matam, tal como aconteceu ao príncipe Miguel, de que já falámos. Em alguns casos, os tártaros deixam que alguns príncipes regressem em segurança, com o intuito de enganar outros. Há outros ainda que morrem, quer em virtude de uma poção, quer por causa de veneno. A única intenção dos tártaros é dominarem sozinhos a Terra. Por essa razão, procuram ter desavenças com os nobres, a fim de os matarem. Àqueles que os tártaros deixam partir com vida, pedem-lhes os filhos ou os irmãos, que, depois, nunca libertam, tal como aconteceu com o filho de Iaroslav^{lvii}, com um chefe dos alanos e com muitos outros. E se um pai ou irmão morrer sem deixar herdeiros, os tártaros nunca enviam o filho ou irmão que tenham cativo de volta. De facto, açambarcam totalmente o principado do falecido, tal como vimos acontecer com um chefe dos solangos.

6. Os Tártaros colocam os “bastacos”, nome que eles dão aos seus oficiais, nos territórios daqueles que deixam regressar com vida, mas é necessário que tanto os chefes como outros obedeçam às ordens dos bastacos. E se os homens de alguma cidade não fazem o que os bastacos querem, estes oficiais acusam-nos de serem infiéis aos Tártaros e, conseqüentemente, destroem aquele território e os que lá habitam, matando-os com as suas mãos robustas de tártaros, atacando de surpresa,

sem que os habitantes dessa terra se dêem conta, a mandado do príncipe tártaro a quem essa terra deve obediência. Assim aconteceu, pouco tempo depois de chegarmos à terra do tártaros, com uma cidade dos rutenos de que os tártaros fizeram uma cidade dos cumanos. E não só o príncipe dos tártaros que usurpou a terra e o oficial deste, mas também qualquer nobre tártaro que passe por essa cidade ou terra procede deste modo, como se esse local fosse dominado por ele, principalmente se for o mais poderoso dentre eles.

7. Os tártaros pedem e tomam para si, ouro, prata e tudo o que querem quando querem e na quantidade que lhes apraz, sem haver discussão. Além disso, se for desejo dos tártaros, é necessário que os príncipes que lhes prestam tributo vão até ao imperador dos tártaros para lhe agradar, tal como aconteceu recentemente aos dois filhos do rei da Geórgia. Um deles, chamado Melic, era legítimo, enquanto que o outro, de nome David, era fruto de um adultério. O pai de ambos tinha deixado ao filho bastardo uma parte da terra. O outro, que era mais novo, veio junto com a mãe até ao imperador dos tártatos, uma vez que David já tinha tomado a dianteira e partido para apresentar o seu caso ao imperador dos tártaros. A mãe de Melic, ou seja, a rainha da Geórgia, através da qual o marido tinha reinado – naquele reino eram as mulheres que se sentavam no trono – foi morta no caminho. Quando os filhos chegaram, ofereceram muitíssimo dinheiro, principalmente o filho legítimo, que reivindicava a terra que o pai tinha deixado ao seu filho David. Para Melic, David não deveria ficar com aquela parte da terra, por ser filho bastardo. Porém, David respondeu-lhe: «é verdade que sou filho de uma concubina; porém, peço que me seja feita justiça segundo o costume tártaro, em que não há diferença nenhuma entre os filhos legítimos e os das criadas». Daí que a sentença tenha ido contra o filho legítimo, para que David, que era mais velho, ficasse presente e mantivesse, de forma calma e pacífica, a terra que o seu pai lhe tinha dado. E, assim, Melic perdeu os presentes que tinham dado aos tártaros e o caso contra o seu irmão David.

8. Os tártaros aceitam tributo das nações que estão longe deles e que são aliadas de outras nações, que eles temem de certo modo e que não estão sob a alçada deles. Assim, agem como que benevolentemente para com estas nações, para que estas não

conduzam os seus exércitos contra os tártaros e também para que os Tártaros não tenham medo de se trair a si mesmos. Assim sucedeu com os obesos^{lviii}, ou georgianos, dos quais os tártaros aceitam um tributo ou de quarenta mil hipérpiros ou da mesma quantia de besantes. Os tártaros permitem que outras nações vivam em paz com eles até agora. Contudo, segundo o que deles pudemos entender, há nações que manifestam vontade de se rebelar contra eles.

9. Os nomes dos povos que os tártaros conquistaram são os seguintes: vataios, naimanos, solangos, kara-cataios, cumanos, os habitantes de Kymi, voirates, Kananos, huiros, sumoais^{lix}, merquites, mecrites, sariemuros, bascart – ou os da Grande Hungria, kergis, os habitantes de Cosmir^{lx}, sarracenos, biserminos, turcomanos, billeros – ou os da Grande Bulgária, catora^{lxi}, tomitos^{lxii}, burithabet, parossitas, cassos^{lxiii}, alanos ou assos, obesos ou georgianos, nestorianos^{lxiv}, arménios, kangit^{lxv}, cumanos^{lxvi}, brutacos – que são judeus –, morduanos, turcos, gazaros, samogedos, persas, iugures^{lxvii}, os habitantes da Índia Menor ou Etiópia, circassianos^{lxviii}, rutenos, a cidade de Baldac, e os sartos^{lxix}. Há ainda muitas terras e povos, mas ignoramos os seus nomes. De qualquer modo, vimos homens e mulheres trazidos de todas os povos acima citados.

10. Eis também os nomes dos povos que resistiram com bravura aos tártaros e que até hoje não ficaram subjugados a eles: a Grande Índia, uma parte dos alanos, uma parte dos cataios e os saxos^{lxx}. Segundo o que nos foi dito, os Tártaros cercaram e tentaram vencer uma cidade dos saxos. Os saxos construíram máquinas para utilizar contra as máquinas construídas pelos tártaros e destruíram todas as máquinas dos invasores, que nem conseguiram aproximar-se da cidade devido às máquinas e às balistas dos saxos. Então, os tártaros escavaram um túnel e precipitaram-se cidade adentro e, enquanto uns tentavam pegar fogo à cidade, outros lutavam. Contudo, os homens da cidade colocaram um grupo a apagar o fogo, enquanto outro grupo lutava fortemente com os tártaros que tinham invadido a cidade, tendo matado muitos deles, ferido outros e obrigando os restantes a bater em retirada. Os tártaros, vendo que não podiam mais fazer contra os habitantes daquela cidade e que muitos dos seus homens tinham perecido, regressaram à sua terra.

11. Na terra dos sarracenos e em outras, os tártaros agem como senhores dessas terras, levam os melhores artífices e colocam-nos a fazer o seu trabalho. Outros artífices dão o seu trabalho como tributo aos tártaros ou depositam todas as colheitas nos celeiros dos seus senhores. Os tártaros, porém, enviam-lhes sementes e tudo quanto lhes seja suficiente e em proporção das suas despesas. A outros, os tártaros distribuem uma medida de pão por dia e não dão mais do que um pouco de carne três vezes por semana. Só procedem assim com os artífices que vivem com eles. Além disso, quando os senhores querem, tomam para si as mulheres e os filhos jovens de um artífice e depois obrigam-no a juntar-se a os todos os seus escravos. A partir deste momento, em teoria, estes artífices passam a ser tártaros, mas, na verdade, contam como escravos, pois os tártaros os consideram como tal e não recebem o respeito que os tártaros recebem. Assim, os tártaros mantêm estes artífices como escravos e enviam-nos para qualquer situação perigosa, tal como fazem com quaisquer outros escravos. Como consequência, estes são os primeiros na linha de batalha e, se houver algum pântano ou curso de água perigoso para atravessar, são estes os primeiros a tentar fazê-lo. Todo o trabalho que houver para fazer é a estes que é dado. Se ofendem em algo os Tártaros ou não obedecem às suas ordens, são açoitados tal qual os burros.

12. Direi resumidamente que estes artífices comem e bebem pouco e se vestem de forma muitíssimo modesta, a não ser que possam ganhar a vida a trabalhar o ouro ou sejam bons operários. Alguns, porém, têm senhores muito maus, que nunca lhes dão nada, nem têm tempo para completar a quantidade de trabalhos que os seus senhores lhes pedem, a não ser que roubem do seu próprio tempo, quando talvez devessem estar a descansar ou a dormir; e isto se os deixarem ter mulheres ou acampamento próprio. Há ainda outros senhores que têm estes artífices em casa como escravos. Estes têm uma vida miserável. Vimo-los, muitíssimas vezes, andar em ceroulas de pele e tronco nu sob o sol ardente e, nas mesmas condições, a padecer de frio no Inverno. Vimos outros perder os pés ou os dedos das mãos devido ao frio gélido. Ouvimos ainda que outros morreram ou que ficaram com todos os seus membros praticamente inválidos devido ao frio rigoroso.

Cap. VIII: De que modo se enfrentam os tártaros na guerra e aquilo a que atentam; sobre as armas e a organização das tropas; de que modo se enfrentam as suas astúcias na batalha; sobre a fortificação dos acampamentos militares e das cidades; e o que se deve fazer com os cativos.

1. Tendo falado das terras que lhes obedecem, devemos agora expor como se deve enfrentá-los na guerra, coisa que nos parece que se deve dizer do seguinte modo. Em primeiro lugar, na verdade, devemos escrever sobre as suas intenções; em segundo lugar, sobre as armas e a organização das tropas; em terceiro lugar, de que modo se devem enfrentar as suas astúcias no combate; em quarto lugar, sobre a fortificação dos acampamentos militares; em quinto lugar, sobre o que se deve fazer com os cativos.

2. É intenção dos tártaros subjugar a si todo o mundo, se o puderem, e disto têm ordem de Gengis Khan, tal como se disse mais acima. Por isso, assim escreve nas suas cartas o seu imperador: «Força de Deus, imperador de todos os homens.» E sobre o seu selo está escrito isto: «Deus no céu e Güyük Khan sobre a terra, força de Deus. Selo do imperador de todos os homens». E, por isso, não fazem a paz com homens nenhuns, como ficou dito, a não ser que por acaso se rendam a eles. E visto que, tirando a Cristandade, não há terra no mundo que eles não detenham, é por isso que se preparam para a guerra connosco. Saibam, pois, todos que, estando nós na terra dos Tártaros, estivemos na corte solene que fora já há vários anos convocada, na qual elegeram na nossa presença Güyük como imperador, o que na sua língua se diz “Khan”. Este referido Güyük Khan ergueu com todos os seus príncipes o estandarte contra a Igreja de Deus e contra o Império Romano^{lxxi}, bem como contra todos os reinos dos Cristãos e contra os povos do Ocidente, se não calharem fazer aquilo que Güyük ordena ao senhor nosso Papa e aos mais poderosos e também a todos os povos cristãos do Ocidente^{lxxii}.

3. Coisa essa que por razão se deve fazer, parece-nos, quer, em primeiro lugar, por mor da grande e intolerável servidão, até agora desconhecida, que com os nossos olhos vimos, à qual reduzem todos os povos sujeitos a eles; quer, em segundo lugar,

porque neles não há lealdade, nem pode povo nenhum confiar na palavra deles, pois não cumprem o que quer que prometam, quando vêem que os tempos lhes são favoráveis, e são enganadores em todos os seus actos e promessas; pretendem também destruir todos os príncipes, todos os nobres, todos os soldados e homens de bem da terra, como ficou dito mais acima, e fazem-no com dolo e manha contra os seus súbditos; quer, em terceiro lugar, porque é indigno que cristãos lhes sejam sujeitos, por mor das abominações deles, e porque é reduzido a nada o culto de Deus, e as almas perecem e os corpos sofrem de várias maneiras mais do que é possível acreditar: é que, no início, são brandos, mas depois torturam e afligem como o escorpião; quer, em quarto lugar, porque são menos em número e mais débeis de corpo do que os povos cristãos.

4. Ora, na referida cúria, foram designados os combatentes e chefes do exército. De cada dez homens de cada terra sob seu poder enviam três com os seus servos. Um exército deve entrar pela Hungria, um segundo pela Polónia, como nos era dito. Virão, pois, para lutar sem parar durante dezoito anos. Foi este o tempo que lhes foi atribuído para avançarem. No passado mês de Março encontrámos um exército reunido por todas as terras tártaras por onde passámos em direcção à Rússia. Em três ou quatro anos chegarão à Cumânia. Ora, a partir da Cumânia farão ataques contra as terras acima referidas. Ignoramos, no entanto, se virão logo depois do terceiro Inverno, ou se esperarão algum tempo, para melhor virem, de surpresa.

5. Tudo isto é seguro e verdadeiro, a não ser que o Senhor pela sua graça lhes ponha algum impedimento, tal como pôs quando vieram contra a Hungria e a Polónia. Deviam, na verdade, continuar a lutar durante trinta anos, mas foi assassinado então o seu imperador por meio de envenenamento^{lxxiii}, e por isso pararam de lutar até agora. Mas agora, uma vez que foi feito novo imperador, começam de novo a preparar-se para a guerra. É preciso saber que pela sua própria boca disse o imperador que queria enviar um exército para a Livónia e para a Prússia. E visto que pretende destruir toda a terra ou reduzi-la à servidão (servidão que, como dissemos mais acima, é intolerável para a nossa gente), temos de enfrentá-los na guerra.

6. E se uma província não quer socorrer outra, será destruída aquela terra contra a qual lutam, e lutarão contra aquela outra terra com os homens que fazem cativos, e serão eles os primeiros na linha de combate. Se combatem mal, serão mortos por eles, mas se o fazem bem, retêm-nos com promessas e adulações, e ainda lhes prometem fazê-los grandes senhores, para não fugirem. Mas depois, quando podem ter a certeza de que não fogem, fazem deles infelicíssimos escravos. E das mulheres que querem ter para escravas e concubinas fazem o mesmo. E assim destroem outra terra com os homens de uma província vencida. Não há outra província que lhes possa resistir sozinha, segundo nos parece, a não ser que Deus queira lutar por ela, pois de todas as terras sob o seu domínio, tal como dissemos acima, são recrutados homens para a guerra. Por isso, se os cristãos querem salvar-se a si mesmos e à sua terra e à Cristandade, é forçoso que se reúnam os reis, os príncipes, os barões, os administradores das terras, e enviem, por comum acordo, homens para lutar contra eles, antes que comecem a espalhar-se pela terra. É que, depois de começarem a dispersar-se pela terra, ninguém conseguirá prestar auxílio adequado ao outro, pois, aos magotes e vindos de todos os lados, caçam e matam os homens. E se aqui se encerram em fortalezas, eles colocam três ou quatro mil homens ou mais à volta da fortaleza ou cidade para a sitiarem, e eles próprios espalham-se pela terra matando os homens.

7. Quem os quiser combater deve ter estas armas: arcos bons e balistas fortes, que eles muito receiam, e flechas suficientes e um bom machado de bom ferro ou uma machadinha de cabo longo (as ferragens das flechas do arco ou da balista devem, como fazem os tártaros, ser temperadas quando estão quentes em água com sal, para serem fortes o bastante para penetrarem as suas armas); espadas e também lanças com gancho, que servem para os arrancar da sela, pois caem com muita facilidade; e facas, armaduras duplas, pois as flechas deles não as penetram com facilidade; e um capacete e armas e outras coisas para proteger o corpo e o cavalo das armas e flechas deles. E se alguns não estão tão bem armados, como dissemos, devem ir atrás dos outros, como fazem os tártaros, e atirar contra eles com os arcos ou as balistas. E não deveriam poupar no dinheiro quando compram as armas, de modo a poderem respeitar as almas, os corpos, a liberdade e as outras coisas.

8. Deveriam organizar-se as tropas como as deles, por milenários e centenários, decanos e generais de exército. De modo nenhum devem generais entrar em combate, tal como não entram os generais deles, mas devem olhar pelo exército e pô-lo em ordem. Devem fazer a lei para que marchem todos ao mesmo tempo para a guerra, como em foi determinado. E quem quer que abandone outro, seja ao avançar para a guerra seja ao combater, a não ser que se rendam todos, deve ser gravemente punido, pois então uma parte dos combatentes segue os fugitivos, e matam-nos com flechas, e outra parte luta com aqueles que ficam, e assim se confundem e são mortos os que ficam e os que fogem. E do mesmo modo, quem quer que se atire ao saque conquistado antes de ter sido completamente vencido o exército dos adversários deve ser condenado à pena máxima. Assim, com efeito, se mata entre os tártaros, sem nenhuma misericórdia. O lugar da batalha deve ser escolhido, se for possível, de modo a que seja um campo plano e a que se possa ver para todos os lados. E devem ter, se puderem, um bosque grande pelas costas e pelo lado, mas de sorte que não possam entrar os inimigos entre eles próprios e o bosque. Nem devem juntar-se todos num só corpo, mas fazer linhas de combate várias e separadas entre si, mas não demasiado distantes. E devem lançar contra os que primeiro vierem uma linha de combate que os enfrente. E se os tártaros simularem uma fuga, não vão muito atrás deles, mas apenas enquanto puderem ter a vista livre, não vão eles arrastá-los para emboscadas, como costumam fazer. E que esteja preparada outra linha de combate para ajudar esta, se for necessário.

9. Tenham, além disso, vigias de todas as partes, para verem quando chegam outras linhas de combate dos tártaros vindas de trás, pela direita ou pela esquerda. E devem lançar linha contra a linha que os enfrente. Na verdade, eles tentam sempre cercar os seus adversários no meio, por isso devem ter grande cautela para que não o consigam fazer, porque assim se vence muito facilmente um exército. Devem, pois, as tropas ter cuidado com isto: não corram muito tempo atrás deles por causa das emboscadas que costumam preparar. É que lutam mais com engano do que com valentia.

10. Os generais do exército devem estar sempre preparados para enviar auxílio, se for necessário, àqueles que estão em combate. E por causa disto devem também evitar

correr muito atrás deles, pois os nossos não têm grande quantidade de cavalos. Já os tártaros, um cavalo que montam um dia, não o montam nos três ou quatro dias seguintes. Por isso não se preocupam por se cansarem os cavalos, pois têm uma multitude deles. E se os Tártaros fogem, não deveriam, todavia, os nossos ir embora ou separarem-se uns dos outros, pois eles fazem-no por dissimulação, para que o exército se divida, para depois poderem avançar à vontade e destruir a terra toda. Devem ainda evitar fazer demasiadas despesas, como é costume, para não serem forçados a regressar por mor da penúria, e darem assim caminho aos tártaros para que os matem a eles e aos outros e destruam a terra toda, e, por causa da sua superfluidade, ser o nome de Deus blasfemado. Mas devem fazer diligentemente o seguinte: se acontecer alguns combatentes regressarem, que outros tomem os seus lugares.

11. Devem ainda os nossos generais guardar o exército dia e noite, não vão os tártaros, de repente e de súbito, precipitar-se sobre os nossos exércitos, pois os tártaros, como os demónios, planeiam muitas artes para fazerem os mal. Devem pois, quer de noite quer de dia, estar sempre preparados; e não devem jazer sem armas, nem sentar-se à vontade à mesa, para não serem apanhados desprevenidos, pois os Tártaros estão sempre atentos para verem como podem fazer mal. Quanto aos homens da terra que estão à espera dos Tártaros ou que têm medo de que eles venham contra si, devem ter fossas ocultas nas quais devem colocar quer as colheitas quer outras coisas, por duas razões: para que os tártaros não as possam ter, e para que, se o Senhor lhes for propício, possam depois achá-las. Se fugirem da terra, devem queimar o feno e a palha, ou escondê-los bem, para que os cavalos dos tártaros não os achem para comer.

12. Se, por outro lado, querem fortificar as cidades e as fortificações, vejam primeiro que coisas há no lugar. Na verdade, o lugar das fortificações deve ser tal que não possam atacá-lo com máquinas e flechas; e tenham água suficiente, lenha e, se possível, que a entrada e a saída deles não possa ser cortada; e que tenham homens suficientes para poderem lutar à vez. E devem estar diligentemente atentos para que não possam os tártaros, por meio de alguma astúcia, atacar a fortificação. Devem ter mantimentos suficientes para muitos anos. Cuidem, no entanto, diligentemente dos

mantimentos e comam-nos com mesura os que não sabem quanto tempo é preciso estarem fechados na fortificação. É que, quando eles começam, sitiam durante muitos anos uma só fortificação, tal como acontece hoje em dia na terra dos alanos a um certo monte que, como nos parece, já sitiam há doze anos. Resistiram eles bravamente e mataram muitos e nobres tártaros.

13. Quanto a outras fortificações e cidades que, devido à localização, não são desta natureza, devem proteger-se com valas muradas profundas e muros bem preparados, e devem ter arcos e flechas suficientes, e pedras e fundas. E devem diligentemente ter cuidado para não permitirem que os Tártaros ponham as suas máquinas, mas devem afastá-los com as suas máquinas. E se por acaso os tártaros erguerem, por algum engenho ou alguma arte, as suas máquinas, devem destruí-las com as suas máquinas, se conseguirem. Devem ainda resistir às balistas, às fundas e às máquinas, para que não se aproximem da cidade. Devem ainda estar preparados de outra maneira, como ficou dito mais acima. As fortificações e cidades que ficam à beira de rios, devem diligentemente prover para que não possam ser inundadas. Mas é preciso saber que os tártaros gostam mais que os homens se encerrem em cidades e fortificações do que lutem com eles em campo aberto. Dizem, na verdade, que aqueles são os seus porcos fechados numa pocilga a que põem vigias, como ficou dito mais acima.

14. Mas se alguns tártaros são derrubados dos seus cavalos em combate, logo devem ser capturados, pois quando estão em terra, lançam flechas com valentia, e ferem e matam cavalos e homens. E se são conservados, são de tal natureza que se pode por eles ter uma paz quase perpétua, ou receber por eles muito dinheiro, pois gostam bastante uns dos outros. Então, quando são capturados, se se devem conservar, devem ser diligentemente guardados, para não fugirem. Mas já se disse mais como se reconhecem os tártaros, quando se falou sobre a sua aparência. Existem também muitos outros povos com eles, que podem ser por eles reconhecidos pela aparência acima descrita. Ora é preciso saber que há muitos no seu exército que, se vissem chegar o tempo e tivessem confiança de que os nossos não os matariam, de toda a parte do exército lutariam contra eles, tal como eles próprios nos disseram, e far-lhes-iam piores coisas do que outros que são seus adversários manifestos.

15. Ora aquilo que acima ficou escrito, tal como aqueles que viram e ouviram, apenas o dissemos para o relatar, não para instruir os entendidos que, pelo exercício do combate, conhecem as astúcias da guerra. Cremos na verdade que nada melhor nem mais útil planearão e farão aqueles que para isto são prudentes e instruídos. Poderão, no entanto, por aquilo que mais acima ficou dito, ter ocasião e matéria para reflectir sobre isto. Está, na verdade, escrito: «Ao ouvir será mais sábio o sábio, e o inteligente deterá os comandos».

Capítulo IX: Acerca das províncias pelas quais passámos e da localização das mesmas, da corte do imperador dos tártaros e do seu império e das testemunhas que aí encontrámos

1. Tendo falado de como se lhes pode fazer frente numa guerra, falaremos, por último, do caminho que fizemos e da localização das terras pelas quais passámos, da disposição da corte do imperador e dos seus príncipes e das testemunhas que encontrámos na terra dos tártaros.

2. Tal como ficou dito no início, depois que decidimos partir para a terra dos Tártaros, dirigimo-nos ao rei da Boémia^{lxxiv}, que nos era há muito tempo familiar. Tendo-lhe pedido conselho sobre qual o melhor caminho para seguirmos, ele respondeu que lhe parecia adequado que seguíssemos pela Polónia e pela Rússia. De facto, ele tinha familiares na Polónia, com cuja ajuda poderíamos entrar na Rússia. Depois de nos dar as cartas da sua parte e um salvo-conduto para atravessarmos a Polónia, fez com que nos fossem dados mantimentos para a travessia das suas vilas e cidades, até que chegássemos junto de Boleslau de Silésia, seu sobrinho, que nos era familiar e conhecido. Este, por sua vez, deu-nos cartas da sua parte, um salvo-conduto e mantimentos para a travessia das suas vilas e cidades, até à nossa chegada junto de Conrado, duque de Lanciscia. Naquele tempo, com a mercê de Deus, chegara ali Vasilico, duque da Rússia, do qual ouvimos muita informação sobre os tártaros. Ele tinha pedido o regresso dos seus enviados, que tinham voltado para junto dele e dos seu irmão Daniel, trazendo consigo um salvo-conduto para que seguíssemos em direcção a Batu, senhor de Daniel. Disse-nos também que, se quiséssemos seguir caminho até aos Tártaros, era importante que tivéssemos bastantes presentes para lhes darmos, uma vez que eles o pediam o mais despidoradamente possível, e que, de verdade, se não lhos déssemos, nenhum enviado poderia cumprir a sua missão convenientemente; na verdade, tal missão contaria como nada.

3. Dado que não queríamos que os ensejos do senhor nosso Papa e da Igreja fossem contrariados, comprámos peles de castor e de outros animais, que usámos como meio de subsistência, a fim de que não desperdiçássemos as esmolas que nos tinham sido dadas. Quando o duque Conrado e a fuquesa de Cracóvia, alguns soldados e o bispo de Cracóvia souberam disto, ofereceram-nos também imensas peles. O duque

Conrado, bem como o seu filho e o bispo de Cracóvia imploraram veementemente ao duque Vasilico, para que este nos ajudasse, tanto quanto possível, na travessia até à terra dos tártaros. Vasilico respondeu que o faria de boa vontade, pelo que nos conduziu através das suas terras. Passámos alguns dias a expensas suas, para que descansássemos um pouco. Depois, a nosso pedido, mandou chamar os seus bispos, aos quais lemos as cartas do nosso Papa, que nelas pedia que os bispos regressassem à unidade da Santa Madre Igreja. Assim lhes deixámos o aviso e induzimos, o mais que pudemos, o Duque, os bispos e outros que ali estavam a procederem assim. Contudo, porque naquele tempo o duque Vasilico tinha vindo à Polónia e o seu irmão Daniel não estava presente, uma vez que tinha ido até junto de Batu, nenhum dos que estavam connosco pôde responder, explicando que seria necessário esperar o regresso de Daniel para uma resposta completa.

4. Depois disto, o duque Vasilico enviou um servo que nos acompanhou até Kióvia. Contudo, íamos sempre sob ameaça devido aos rutenos, que atacavam pela calada, tanto quanto podiam, o território russo, sobretudo aqueles locais pelos quais devíamos passar. E porque a maior parte dos homens russos tinha sido morta ou feita cativa pelos tártaros, estes não podiam quase fazer-lhes frente. Assim, foi com o auxílio do servo de que falámos que nos mantivemos a salvo dos rutenos. Deste modo, com a graça de Deus, que nos livrou dos inimigos da cruz de Cristo, chegámos à grande cidade russa Kióvia.

5. Quando aí chegámos, consultámos um milenário e outros nobres que ali estavam acerca do nosso caminho. Estes reponderam-nos que, se levássemos os cavalos que tínhamos até à terra dos tártaros, os cavalos morreriam, uma vez que a neve seria muita e os nossos cavalos não saberiam escavar para encontrar erva debaixo da neve, ao contrário dos cavalos dos tártaros, que o fazem. Além disso, não seria possível encontrar alimento para os cavalos em lado nenhum, já que os tártaros não têm nem palha, nem feno, nem pastagens. Depois de discutirmos o assunto entre nós, decidimos pedir aos dois rapazes que nos guardavam os cavalos para os libertarem. Devido a isto, foi necessário darmos presentes ao milenário, para que ele nos desse cavalos adequados para a nossa viagem e um salvo-conduto. No entanto, antes da nossa chegada a Kióvia, tínhamos ficado doentes, quase às portas da morte, em Danilov^{lxxv}. Mesmo assim, deixámo-nos ir, num veículo, num frio imenso, através da neve. E, para que não se impedisse a realização dos propósitos da Cristandade,

tratámos destes propósitos em Kióvia e partimos dessa cidade em direcção àquelas terras bárbaras, com cavalos do milenário e um salvo-conduto, no segundo dia após a festa da Purificação de Nosso Senhor.

6. Chegámos a uma certa vila, que estava directamente sob controlo tártaro, chamada Canove^{lxxvi}. O prefeito da vila deu-nos cavalos e um salvo-conduto até à vila seguinte, cujo prefeito era um alano, de nome Miqueias, cheio de maldade e perversidade. Este tinha enviado os seus guardas a Kióvia, ao nosso encontro, que falsamente nos disseram que vinham da parte de Corenza e que, se fôssemos, de facto, os enviados papais, que deveríamos ir até ele. E assim o fez Miqueias, embora tal não fosse verdade, apenas para poder extorquir-nos presentes. Quando chegámos junto dele, dificultou-nos no que pôde, e disse que não aceitaria guiar-nos, a não ser que prometêssemos dar-lhe presentes. Vendo que não poderíamos proceder de outro modo, prometemos-lhe dar alguns presentes. E quando lhe demos aquilo que nos pareceu bem, não quis aceitar, a não ser que lhe déssemos mais. Com efeito, vimo-nos obrigados a juntar mais presentes segundo a sua vontade. E assim, subtraiu ele muitos dos nossos bens, com manha, dissimulação e malícia.

7. Depois disto, partimos com Miqueias na segunda-feira da Quinquagésima e ele conduziu-nos até ao primeiro posto de guarda tártaro. Quando acampámos na primeira sexta-feira depois da Quarta-Feira de Cinzas, à hora em que o sol estava a pôr-se, os tártaros, armados, invadiram o nosso acampamento bruta e perguntaram-nos quem éramos. Quando lhes dissemos que éramos enviados do senhor nosso Papa, e depois de terem aceitado alguns alimentos, bateram em retirada sem demora.

8. Na manhã seguinte, ainda mal tínhamos começado a nossa viagem, vieram até nós os mais importantes dentre eles e perguntaram-nos por que razão tínhamos vindo e qual era o nosso negócio. Respondemos-lhes que éramos enviados do senhor nosso Papa, que era senhor e pai de todos os cristãos, ele que precisamente nos tinha enviado ao imperador e aos príncipes tártaros, bem como ao resto do povo tártaro, porque gostaria que cristãos e tártaros fossem todos amigos e vivessem em paz uns com os outros. Além disso, o nosso Papa desejava que os tártaros fossem grandes no céu aos olhos de Deus. Assim, o senhor nosso Papa pedia aos tártaros, quer através de nós, quer pelas suas cartas, que se tornassem cristãos e recebessem a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois, de outro modo, não poderiam ser salvos. Mandava ainda

dizer que estava assombrado com a mortandade feita pelos tártaros – um imenso número de cristãos, principalmente de húngaros, morávios e polacos, todos súditos do Papa, que em nada tinham prejudicado ou tentado prejudicar os tártaros. Dado que, devido a isto, o senhor nosso Deus estava gravemente ofendido, o senhor nosso Papa mandava dizer que doravante tomassem cuidado e fizessem penitência pelos seus pecados. Finalmente, dissemos-lhes que o senhor nosso Papa lhes pedia que lhe escrevessem, comunicando o que pretendiam fazer daqui em diante, quais eram as suas intenções, e o que responderiam em relação a tudo o que acima ficou dito.

9. Ouvidos os nossos argumentos e anotadas as nossas razões, os tártaros disseram que queriam oferecer-nos cavalos e um guia para irmos até à presença de Corenza; imediatamente nos pediram presentes e nós lhes demos, pois era imperativo que, por necessidade, lhes fizéssemos a vontade. Depois de lhes termos dado presentes e aceitado os cavalos, dos quais eles desceram, dirigimo-nos com o guia nomeado por eles até à presença de Corenza. Os tártaros enviaram um mensageiro a cavalo, que, a grande velocidade, levou as nossas palavras a Corenza. Este general é senhor de todos os que estavam de guarda contra todos os homens do Ocidente, para que estes não se lançassem inesperada e subitamente sobre os tártaros. Segundo o que ouvimos, este general tem sob a sua alçada seis mil homens armados.

10. Quando chegámos junto dele, fez-nos acampar longe dele e enviou-nos os seus servos superintendentes, que nos perguntaram com que é que desejávamos “inclinarmos”, o que quer dizer “que presentes lhe gostaríamos de dar”. Respondemos que o senhor nosso Papa não enviava presentes alguns, uma vez que não tinha a certeza de que nos encontraríamos com os tártaros. Além disso, dissemos-lhes que tínhamos vindo por locais bastante perigosos, por temermos os rutenos, que atravessam frequentemente a Polónia até quase à terra dos tártaros, terras pelas quais fazíamos o nosso caminho. Acrescentámos que, de tudo o que tínhamos para a nossa subsistência, com a graça de Deus e do senhor nosso Papa, o honraríamos com algo, na medida das nossas possibilidades. Apesar de termos enviado bastante a Corenza, não lhe era suficiente e pediu mais através dos seus servos, prometendo que nos trataria bem, se acedéssemos ao seu pedido, o que era necessário fazermos se quiséssemos sobreviver e levar a cabo, eficazmente, a ordem do senhor nosso Papa.

11. Depois de terem aceitado os nossos presentes, conduziram-nos até à horda, ou seja, ao acampamento deles e fomos instruídos para nos inclinarmos três vezes com o

joelho esquerdo perante a entrada da tenda e para prestarmos atenção e não colocarmos o pé sobre o limite da entrada. Fizemo-lo com todo o cuidado, uma vez que aqueles que, conscientemente, pisam o limite da tenda de um chefe ou general são punidos com a morte. Depois que entrámos, colocámo-nos de joelhos e, na presença do general e de outros homens importantes que ali tinham sido chamados, revelou-se oportuno comunicarmos as palavras que acima foram ditas. Oferecemos-lhe as cartas do senhor nosso Papa. Contudo, porque o nosso intérprete, a quem já tínhamos pagado e trazido de Kióvia, não tinha conhecimento suficiente para poder traduzir as cartas, e porque não havia ali connosco mais ninguém idóneo para o fazer, as cartas não puderam ser traduzidas. Depois disto, foram-nos dados cavalos e três tártaros: dois eram decanos e o outro era um dos homens de Batu. Estes, com grande pressa, conduziram-nos à presença de Batu. No conjunto dos príncipes tártaros, este é ainda mais poderoso, embora tenha de obedecer ao imperador.

12. Na segunda-feira após o Domingo da Quadragésima, partimos em direcção ao local onde Batu se encontrava, seguindo o mais rapidamente possível que os cavalos podiam a trote, porque recebíamos, normalmente, cavalos repousados três ou quatro vezes por dia. Cavalgávamos de manhã à noite e até, muitas vezes, durante a noite e, mesmo assim, não conseguimos chegar antes da quarta-feira da Semana Santa.

13. Atravessámos toda a terra dos cumanos, que é totalmente plana e tem quatro grandes rios. O primeiro chama-se Neper^{lxxvii}, junto ao qual, do lado russo, Corenza governa e, nas planícies do outro lado, governa Baidar, que é mais poderoso do que Corenza. O segundo rio chama-se Don, acima do qual governa um certo príncipe, que tem por esposa a irmã de Batu, chamado Carbon. O terceiro é o imenso rio é o Volga, acima do qual governa Batu. O quarto rio chama-se Iaec^{lxxviii}, na bacia do qual governam dois milenários, um numa margem do rio e o outro noutra. No Inverno, todos estes rios descem até ao mar e, no Verão, ultrapassam as suas próprias margens e sobem até aos montes. Este mar é o Mar Grande^{lxxix}, do qual sai o braço de São Jorge^{lxxx}, que leva a Constantinopla. Foi ao longo do Neper que andámos muitos dias sobre o gelo. Estes rios são grandes e cheios de peixe, nomeadamente o Volga. Estes rios desaguam no Mar Grego, que chamamos de Mar Grande.^{lxxxii} As margens deste mar, ao longo das quais andámos durante muitos dias, são bastante perigosas devido ao gelo em vários locais. O mar estava congelado à volta das margens, terra adentro, umas boas três léguas.

14. Antes de chegarmos à presença de Batu, porém, dois dos nossos tártaros foram adiante, a fim de lhe comunicarem todas as palavras que tínhamos dito na presença de Corenza. Quando chegámos ao local onde Batu se encontrava, no limite da terra dos cumanos, assentámos acampamento a uma légua das suas tendas. No momento em que devíamos ser conduzidos à sua corte, foi-nos dito que deveríamos atravessar por entre duas fogueiras, embora desconhecêssemos a razão para o fazer. Disseram-nos, contudo: «avancem com segurança, pois a única razão pela qual vos fazemos atravessar entre estas duas fogueiras é para que o fogo destrua todo o mal, no caso de planearem algo nefasto contra o nosso senhor ou de trazerem um veneno convosco». Respondemos-lhes: «por essa razão atravessaremos, para que não sejamos suspeitos de tal coisa».

15. Quando chegámos à sua horda, fomos interrogados pelo seu superintendente, chamado Eldegai, com o qual tivemos de nos “inclinarmos”, ou seja, a quem tivemos de dar presentes. Demos-lhe a mesma resposta que tínhamos dado a Corenza, ou seja, que o senhor nosso Papa não tinha enviado presentes, mas que nós, pela graça de Deus e do senhor nosso Papa, o honraríamos dando-lhes das nossas expensas, na medida das nossas possibilidades. Depois de aceitar os nossos presentes, o superintendente Eldegai quis saber a razão da nossa vinda. Demos-lhe igualmente a mesma resposta que tínhamos dado a Corenza.

16. Depois de ouvirem as razões da nossa vinda, conduziram-nos ao interior da tenda, não sem antes nos termos curvado perante a mesma e ouvido o aviso, já mencionado, do perigo caso pisássemos a entrada. Lá dentro, ajoelhados, pronunciamos o nosso discurso, após o qual oferecemos as cartas e pedimos que nos fossem dados intérpretes que soubessem traduzi-las. Assim, foram-nos dados intérpretes na sexta-feira e, com eles, traduzimos as cartas para ruteno, sarraceno^{lxxxii} e tártaro. A tradução foi entregue a Batu, que a leu e levou em consideração. Por fim, fomos conduzidos de volta ao nosso acampamento, sem que nos tivessem dado nada de comer, excepto uma vez em que nos serviram um pouco de milho miúdo numa escudela, na noite em que chegámos.

17. Este Batu vive de uma forma bastante magnífica: cobra impostos e possui oficiais à imagem do seu imperador. Senta-se num lugar mais eminente, como se fosse um trono, com uma das suas mulheres. Os restantes, porém, irmãos, filhos, ou outros abaixo destes, sentam-se num banco numa posição inferior, no meio. Finalmente, os

demais sentam-se no chão, sendo que os homens ficam à direita e as mulheres à esquerda. Batu possui tendas de linho, grandes e belas, que tinham pertencido ao rei da Hungria^{lxxxiii}. À exceção da família, ninguém de fora ousa aproximar-se das tendas, independentemente da sua grande posição e poder, a não ser que tenha sido chamado ou saiba que essa é a vontade de Batu. Depois de termos explicado o motivo da nossa vinda, sentámo-nos à esquerda de Batu, tal como fazem os enviados ao imperador. Porém, no regresso dum visita ao imperador, fomos colocados do lado direito. A meio, perto da entrada, é posta uma mesa, sobre a qual é colocada bebida em taças de ouro e prata. Nem Batu nem qualquer outro príncipe tártaro bebe em nenhuma ocasião, sobretudo em público, a não ser quando cantam ou tocam para eles. Quando Batu se desloca a cavalo, uma sombra portátil ou uma pequena tenda é colocada por cima da sua cabeça. Deste modo procedem, igualmente, os restantes grande príncipes tártaros bem como as mulheres deles. Batu é bastante bom para com os seus homens, embora seja muito temido por todos eles. No campo de batalha, porém, é crudelíssimo; na guerra, muito sagaz e astuto, pois já há muito tempo que combate.

18. No sábado da Semana Santa, fomos chamados ao acampamento de Batu e saiu ao nosso encontro o superintendente Eldegai, que nos disse, da parte de Batu, que iríamos à presença do Imperador Güyük Khan. Alguns dos nossos ficaram onde nos encontrávamos, sob o pretexto de que os Tártaros queriam enviá-los de volta ao senhor nosso Papa. A estes, entregámos cartas contando tudo o que tínhamos feito para futura referência. Porém, quando chegaram ao território de Baidar, aí ficaram retidos até ao nosso regresso.

19. No dia da ressurreição de Nosso Senhor, depois de termos celebrado o ofício e comido qualquer coisa, partimos, cheios de lágrimas, com os dois tártaros que tinham sido nomeados como nossos acompanhantes no território de Corenza, sem saber se continuaríamos a viver ou se iríamos para a morte. Estávamos de tal modo doentes que mal podíamos montar a cavalo. Durante toda a Quaresma, apenas tivemos como alimento milho miúdo com água e sal, e o mesmo em dias de jejum; além disso, de beber não tivemos mais do que neve derretida ao lume.

20. A Norte da Cumânia, imediatamente após a Rússia, estão os morduanos, os billeros, ou seja, os da Grande Bulgária, os bascart, ou seja os da Grande Hungria. Depois destes últimos, estão os parossitas e os samogedos. A seguir aos samogedos,

nas terras desertas junto ao oceano, estão aqueles de que se diz terem cara de cão. A Sul, estão os territórios dos alanos, dos circassianos, dos gazaros, e ainda a Grécia, Constantinopla e os territórios dos iberos^{lxxxiv}, dos catos^{lxxxv} e dos brutacos. Destes últimos se diz que são judeus – eles rapam a cabeça. A Sul situam-se ainda as terras dos sicos^{lxxxvi}, dos georgianos, dos arménios e dos turcos. A Oeste situam-se a Hungria e a Rússia. Esta última, da qual já falámos, é muito grande e comprida.

21. Percorremos esta terra a cavalo desde o início da Quaresma até oito dias depois da Páscoa. Percorremo-la em trote rápido, uma vez que tínhamos cavalos descansados cinco ou sete vezes por dia, excepto quando íamos pelo deserto, como ficou dito acima. Quando assim era, levávamos os melhores cavalos e os mais fortes, que pudessem suportar esta tarefa sem paragens. Os tártaros mataram estes cumanos. Alguns fugiram só de ver os tártaros; outros foram levados para escravos destes. Contudo, muitos dos que fugiram regressaram para junto dos tártaros.

22. Depois disto, entrámos na terra dos kangit, terra em moram poucos homens e que em muitos locais tem uma grande falta de água. Foi nesta terra que muitos dos homens de Iaroslav, o duque russo, morreram de sede, ao atravessar o deserto a caminho da terra dos Tártaros. Tanto nesta terra como na Cumânia cruzámo-nos com caveiras e ossos de homens mortos, jazendo sobre a terra como uma estrumeira. Seguimos por aquela terra desde o oitavo dia depois da Páscoa até quase ao dia de Ascensão de Nosso Senhor. Os homens desta região, tanto os cumanos como os Kangit, não exercem nenhum ofício, mas vivem dos animais; também não constroem casas, vivendo em tendas. Estes foram arrasados pelos tártaros, que agora vivem nestas terras; os que sobreviveram foram reduzidos à condição de servos do tártaros.

23. Ao sairmos da terra dos kangit, entrámos na terra dos biserminos. Este povo falava – e ainda fala – a língua dos cumanos, mas seguem os preceitos muçulmanos. Nestas terras, encontrámos imensas cidades destruídas, fortes arruinados e muitas vilas desertas. Nesta terra há um rio cujo nome ignoramos, nas margens do qual ficam situadas várias cidades: uma chamada Iakinc, outra chamada Barchin, e outra chamada Orpar^{lxxxvii}. Há ainda muitas outras, cujos nomes desconhecemos. Esta terra pertencia a Altisoldan, que foi destruído pelos tártaros, juntamente com toda a sua descendência, da qual desconhecemos os nomes. Esta terra possui grandes montes. A Sul situam-se Jerusalém, Baldac e toda a terra dos sarracenos. Nas fronteiras vizinhas vivem os príncipes Büri e Kadan, que são meios-irmãos. A Norte situam-se a terra

dos kara-cataios e o oceano. Nessa terra mora Shiban, que é irmão de Batu. A nossa travessia desta terra durou desde o dia da Ascensão até quase oito dias antes da festa de São João Baptista.

24. Em seguida, entrámos na terra dos kara-cataios, na qual tinham construído uma cidade de raiz chamada Divult^{lxxxviii}. Nesta cidade, o imperador construiu uma casa, à qual fomos convidados para beber. O homem que aí estava em representação do Imperador fez os seus dois filhos e poderosos da cidade aplaudir a nossa presença.

25. Depois de termos partido dessa terra, chegámos a um determinado mar, que não é muito grande e cujo nome desconhecemos porque não procurámos sabê-lo. À beira daquele mar existe um pequeno monte no qual, segundo dizem, há uma certa abertura da qual, no Inverno, saem ventos tão enormes que os homens só conseguem atravessar com dificuldade e correndo grande perigo. No Verão ouve-se constantemente o barulho do vento, embora, nesta época do ano, saia apenas uma brisa pela dita abertura, segundo o que nos disseram os que aí vivem. Andámos durante muitos dias pela costa desse mar, que tem muitas ilhas e que acompanhámos do lado esquerdo. Essa terra é abundante em rios, se bem que não sejam grandes. Em ambas as margens destes rios há florestas, embora não sejam extensas. Nessa terra vive Ordu, que é mais velho do que Batu; ele é, de facto, o mais velho de todos os príncipes tártaros. É aqui que também está a horda, ou corte, do seu pai, que é governada por uma das mulheres dele. É costume dos tártaros que as cortes dos príncipes e dos chefes não sejam destruídas, mas que sejam colocadas mulheres a governá-las, sendo-lhes dada uma parte do dinheiro, tal como o seu senhor costumava fazer.

26. Depois disto, dirigimo-nos à primeira horda do imperador, na qual estava uma das suas esposas. E, porque ainda não tínhamos visto o imperador, não quiseram chamar-nos nem autorizar a nossa entrada na sua horda. Assim, obrigaram-nos a ficar nas nossas tendas, mas serviram-nos muito bem, tal como é costume entre os Tártaros, e ali nos mantiveram durante um dia.

27. Continuando o nosso caminho, entrámos na terra dos naimanos, que são pagãos, na noite de São Pedro. No dia dos apóstolos Pedro e Paulo caiu um grande nevão e sentimos imenso frio. Esta terra, que atravessámos durante muitos dias, é muitíssimo montanhosa e fria e há muito pouca planície. Estes dois povos, derrotados pelos

tártaros, não exercem qualquer ofício, vivendo em acampamentos, tal como os seus conquistadores.

28. Em seguida, entrámos na terra dos mongóis, aos quais chamamos “tártaros”. Segundo as nossas contas, percorremos aquela terra durante três semanas, com um bom ritmo a cavalo, e chegámos à presença de Güyük Khan, o imperador, no dia de Santa Maria Madalena. Todo este caminho foi feito apressadamente, pois tal era a ordem que tinham os nossos guias tártaros, para nos conduzirem rapidamente à corte solene, anunciada há muitos anos devido à eleição do imperador, a fim de podermos chegar no momento oportuno. Por essa razão, levantávamo-nos de manhã e percorríamos aquele caminho até ser noite, sem qualquer alimento. Muitas vezes, parávamos tão tarde que não comíamos ao anoitecer e aquilo que era suposto comermos à noite era-nos dado na manhã seguinte. E, enquanto os cavalos pudessem seguir viagem, seguíamos também; os cavalos não eram poupados porque todos os dias trocávamos de cavalos várias vezes. Os cavalos que ficavam cansados voltavam para trás, tal como dissemos, e assim fomos velozmente e sem nenhuma interrupção.

29. Quando chegámos, Güyük Khan mandou que nos dessem tendas e expensas, segundo o costume tártaro. Porém, as tendas e expensas que recebemos eram melhores do que as dadas a outros enviados. Não fomos chamados à sua presença, uma vez que ainda não tinha sido eleito nem recebido o império. Contudo, tinham-lhe sido enviadas tanto a tradução das cartas do senhor nosso Papa como as palavras que tínhamos dito a Batu. Aí permanecemos durante cinco ou seis dias e ele enviou-nos à presença de sua mãe, onde se reuniu uma corte solene. Quando chegámos a essa corte, havia uma tenda de pano branco tão extensa que, segundo o que ajuizamos, mais de dois mil homens poderiam caber debaixo dela. À volta dela havia um soalho de madeira, pintado com várias imagens. No segundo ou terceiro dia, partimos com os tártaros encarregados de nos guardar. A nós se juntaram todos os chefes e cada um cavalgou com os seus homens pelos montes e planícies circundantes.

30. No primeiro dia, todos estavam vestidos de branco; no segundo, de vermelho – e então Güyük Khan veio para a sua tenda. No terceiro dia, todos se vestiram com trajas azuis; no quarto dia, vestiram os seus melhores baldaquinos. Colocadas no soalho, junto à tenda, estavam duas portas. Por uma, somente o Imperador podia entrar e, apesar de estar aberta, não tinha homens a guardá-la, pois ninguém ousava entrar ou sair por ela. Pela outra, entravam todos os que eram recebidos e essa tinha guardas

com espadas, arcos e flechas. E, se alguém se aproximava da tenda para além dos limites impostos, se era apanhado, açoitavam-no, se fugia, lançavam setas sobre ele, apesar de as setas não possuírem ponta metálica. Os cavalos estavam, segundo cremos, à distância do que duas setas poderiam alcançar. Os chefes andavam armados por todo o lado, acompanhados de muitos dos seus homens. Nenhum deles, contudo, podia ir até aos seus cavalos, a não ser que fossem num grupo de dez, e os que tentavam proceder de outro modo eram severamente castigados. Eram muitos os que traziam nas rédeas, peitorais, selas e retrancas, pelas nossas contas, vinte marcos de ouro. Os chefes falavam uns com os outros debaixo da tenda e pensamos que discutiam assuntos sobre a eleição do imperador. O resto do povo estava colocado fora do referido soalho, ao longe, e assim ficaram até perto do meio-dia. Então, começaram a beber leite de égua; e beberam tanto até à noite que ficámos espantados. Estes chamaram-nos para dentro e deram-nos cerveja, pois já não tínhamos nenhum leite de égua. E assim o fizeram em nossa honra. Porém, tanto nos faziam beber, que já não podíamos aguentar, por não estarmos habituados. Por isso, fizemos-lhes ver que isso nos incomodava e eles pararam de nos incitar à bebida.

31. Do lado de fora estavam o duque russo Iaroslav de Suzdal^{lxxxix}, muitos chefes cataios e solangos, dois filhos do Rei da Geórgia, um enviado do Califa de Baldac, que era sultão, e mais de dez mil outros sultões sarracenos, segundo o que nos pareceu e pelo que os superintendentes nos disseram. Estavam ali mais de quatro mil enviados, uns que levavam tributos, outros que ofereciam presentes, sultões e outros chefes que vinham apresentar-se, gente que tinha vindo em lugar de outrem e outros que eram prefeitos em várias terras. Os tártaros colocavam todos estes para lá do dito soalho e ofereciam-lhes de beber. Além disso, quando estávamos fora com eles, davam-nos sempre, bem como ao duque Iaroslav, um lugar melhor. Pensamos, se bem nos lembramos, que permanecemos ali durante quatro semanas e cremos que a eleição ali foi realizada, se é que não foi anunciada. Nisto acreditávamos porque, sempre que Güyük Khan saía da sua tenda, os demais louvavam-no e apresentavam-lhe algumas virgens belas, vestidas com um pano de lã escarlate. Estas inclinavam-se perante ele, algo que não era feito com mais nenhum chefe, por muito tempo que passasse fora da tenda. A esta horda eles dão o nome de Syra.

32. Quando saímos, fomos todos juntos a cavalo para outro local, a três ou quatro léguas. Aí ficava uma linda planície, junto à qual passava um rio entre montes e onde

tinham montado um acampamento a que chamavam horda dourada, no qual Güyük Khan deveria subir ao trono no dia da Assunção de Nossa Senhora. Porém, por causa do granizo que caiu, a que já nos referimos, a cerimónia foi adiada. A tenda estava colocada sobre colunas cobertas com lâminas douradas, fixas com pregos dourados e outras madeiras. A cobertura superior e as paredes interiores eram de baldaquino, mas as partes exteriores eram feitas de outros panos. Chegámos a esse local no dia de São Bartolomeu, dia em que se juntou uma grande multidão. A multidão estava de cara voltada para Sul. Havia alguns que estavam à distância de uma pedra lançada de outros, avançando cada vez mais devagar, rezando e ajoelhando-se para Sul. Nós, porém, não queríamos ajoelhar-nos, pois não sabíamos se eles faziam feitiços, ou se se ajoelhavam perante o nosso Deus ou perante outro. Depois de terem feito isto durante muito tempo, regressaram à tenda e colocaram Güyük Khan no seu trono. Os chefes, então, ajoelharam-se perante ele e, depois disto, todo o povo, excepto nós, que não éramos seus súbditos. Em seguida, começaram a beber e, como é costume deles, beberam continuamente até ao cair da noite. Depois disto, chegaram carros trazendo carne cozinhada sem sal e os tártaros deram uma perna a cada quatro ou cinco pessoas. No interior da tenda, porém, deram carne com caldo e sal como tempero, tal como é costume deles quando têm grandes convívios durante vários dias seguidos.

33. Naquele lugar, fomos chamados à presença do imperador e, dado que Chingay, o secretário, tinha escrito os nossos nomes, os daqueles com quem tínhamos vindo, e os dos chefes dos solangos e outros, chamou pelos nossos nomes, em voz alta, diante do Imperador e de todos os chefes. Depois disto, cada um de nós se ajoelhou quatro vezes com o joelho esquerdo e avisaram-nos para não tocarmos com os joelhos no chão da tenda. E, após termos sido cuidadosamente revistados e não terem encontrado nenhuma faca na nossa posse, entrámos na tenda pela parte oriental, uma vez que ninguém excepto unicamente o Imperador ousa entrar pela parte ocidental. O mesmo acontece se for um chefe a entrar na sua própria tenda. O povo menor, porém, não presta muita atenção a estes costumes. Esta foi a primeira vez que entrámos no seu acampamento na sua presença, depois que ele se tornou Imperador. Aí ele recebeu todos os enviados, mas na sua tenda foram pouquíssimos os que entraram.

34. Os enviados deram-lhe imensos presentes: seda, samito, panos, baldaquinos e cintos de seda ornados com ouro, peles de boa qualidade e outros presentes que era uma maravilha ver. Ali, foi dada como presente ao imperador uma sombra portátil ou

uma pequena tenda, para ser colocada por cima da sua cabeça, toda enfeitada com gemas. Um dos prefeitos de uma província levou-lhe muitos camelos – pensamos que uns quarenta ou cinquenta –, enfeitados com baldaquinos e selas com estruturas nas quais os homens se podiam sentar e também muitos cavalos e mulas, uns decorados com jóias, outros armados com couro ou com ferro. Visto que também lhe queríamos dar um presente, fomos chamados a ele. Porém, já quase tínhamos dado tudo e tínhamos muito pouco para lhe oferecer. Nesse local, longe das tendas e sobre um monte, estavam estacionados mais de quinhentos carros, cheios de ouro, prata e panos de seda, que foram divididos entre o imperador e os seus príncipes. E alguns destes, por sua vez, dividiram separadamente o que receberam com os seus homens, como lhes aprouve.

35. Quando saímos dali, viemos a um outro lugar, onde tinha sido colocada uma tenda admirável, toda de tecido vermelho, dada pelos cataios. Também fomos conduzidos ao interior desta tenda e, sempre que entrávamos, davam-nos a beber cerveja ou vinho e serviam-nos carne cozinhada, no caso de quisermos comer. Por cima, havia uma sombra portátil, feita em madeira, no local onde tinha sido colocado o trono do Imperador. O trono era de marfim, maravilhosamente esculpido, com ouro, pedras preciosas e – se não nos falha a memória – pérolas. A parte de trás do trono era redonda e subia-se ao mesmo por meio de degraus. À volta do trono havia bancos, onde as mulheres se sentavam, do lado esquerdo, em estrados. Do lado direito, ninguém se sentava numa posição tão elevada. Os chefes, sentavam-se em bancos situados do meio e os outros homens depois destes. E todos os dias vinha uma imensa multidão de mulheres.

36. Estas três tendas, das quais falámos acima, tinham um tamanho considerável. Havia também outras tendas, onde estavam as esposas do imperador, e que eram de pano branco e igualmente grandes e belas. Então, o imperador e a sua mãe separaram-se. Ela foi para uma parte e ele para outra, a fim de poder julgar casos de justiça. Tinha sido capturada uma concubina^{xc} do imperador, que matara o seu próprio pai com veneno, na época em que o exército mongol estava na Hungria. Por causa deste crime, o exército teve de regressar. Este e muitos outros crimes foram trazidos à justiça e todos foram punidos com a morte.

37. Foi nesta época que foi morto Iaroslav, o grande duque russo daquela parte chamada Suzdal. Foi do seguinte modo: ele foi chamado à presença da mãe do

Imperador, que lhe deu de comer e de beber com as suas próprias mãos, como se de uma honra se tratasse. Iaroslav regressou à sua hospedagem, incontinente e debilitado, tendo morrido passados sete dias, e todo o seu corpo ficou, não se sabe bem como, de uma cor esverdeada. Por essa razão, todos estávamos convencidos de que ele tinha sido envenenado pela mãe do imperador, para que os tártaros ficassem com todas as suas terras livremente. Acrescente-se a esta história que, quando Iaroslav já estava incontinente – facto desconhecido de dos homens que tinham vindo com ele –, o Imperador enviou, com grande rapidez, um mensageiro à Rússia, à presença de Alexandre^{xci}, filho de Iaroslav, para que este viesse à presença do imperador, que lhe queria dar as terras do pai. Alexandre queria ir, mas permaneceu na Rússia. Entretanto, o imperador enviava cartas a Alexandre, pedindo-lhe que viesse, a fim de obter as terras de seu pai. Todos achavam que, caso ele viesse, seria morto ou feito cativo para o resto dos seus dias.

38. Depois da morte de Iaroslav, os tártaros que nos acompanhavam conduziram-nos ao imperador, se bem me recorde desta vez. Quando o imperador ouviu da nossa escolta tártara que tínhamos vindo ao seu encontro, ordenou que, ao invés, fôssemos até sua mãe, uma vez que ele desejava erguer o seu estandarte contra todo o Ocidente. Isto nos foi dito, com firme certeza, por gente que sabia, já que o imperador não queria que nós o soubéssemos. E quando tivemos de regressar, permanecemos poucos dias, até que fomos, de novo, enviados à sua presença, tendo passado um mês com ele, padecendo tanta fome e sede, que nos foi difícil sobreviver, tanto mais que as provisões dadas a quatro pessoas mal chegavam para uma. Além disso, não havia nada que pudéssemos comprar, pois o mercado ficava demasiado longe. E se Deus não nos tivesse enviado um ruteno, chamado Cosmas, escolhido como o ourives preferido do Imperador, que nos sustentou como pôde, ou se não nos tivesse enviado o seu divino auxílio de outro modo, cremos que teríamos morrido.

39. Cosmas mostrou-nos o trono do Imperador, que ele próprio tinha construído antes de Güyük Khan se ter tornado imperador. Mostrou-nos também o selo imperial, que ele tinha fabricado e falou-nos da inscrição do selo. Desde modo, fomos informados de muitos segredos sobre o Imperador, não só através de Cosmas, mas de outros, que tinham vindo com outros duques, muitos rutenos e húngaros, que sabiam latim e francês, e clérigos rutenos, e outros que tinham vindo com estes. Havia outros que viviam com os tártaros há trinta anos, entre guerras e outros episódios, e que sabiam

bastante sobre eles, tanto mais que sabiam a sua língua e tinham passado temporadas com eles frequentemente. Havia ainda outros que tinham passado vintes anos com eles; outros, dez; outros, mais; outros, menos. De todos, nos foi possível receber informação, pois no-la davam voluntariamente e sem que os interrogássemos, visto que conheciam as nossas intenções.

40. Depois disto, o imperador mandou que viéssemos e fomos informados por Chingay, o seu secretário, que deveríamos entregar a este, por escrito, as nossas palavras e intenções. Assim fizemos e escrevemos-lhe todas as palavras que tínhamos dito anteriormente a Batu, tal como já ficou registado. E, passados muitos dias, o Imperador mandou chamar-nos e pediu, através de Kadac, procurador de todo o império, e na presença dos seus secretários Bala e Chingay e de outros escrivães, que repetíssemos verbalmente tudo o que tínhamos escrito. Assim fizemos de livre vontade. O nosso intérprete foi, tanto desta vez como da anterior, Temer, um soldado de Iaroslav, perante um clérigo que estava com ele e outro que estava com o Imperador. Este último perguntou-nos, então, oportunamente, se havia junto do senhor nosso Papa quem soubesse ruteno, sarraceno, ou tártaro. Respondemos-lhe que não sabíamos nem ruteno, nem tártaro, nem sarraceno e que, embora existissem sarracenos na nossa terra, estavam longe do local onde se encontrava o senhor nosso Papa. Contudo, dissemos ao Imperador que nos parecia bem que os tártaros nos enviassem cartas na sua língua e nós as traduziríamos, escrevendo uma tradução cuidadosa, que levaríamos, junto com as cartas em tártaro, ao senhor nosso Papa. E assim nos deixaram, a fim de levar a nossa mensagem ao Imperador.

41. No dia de São Martinho fomos chamados e vieram à nossa presença Kadac, Chingay e Bala e entregaram-nos a carta que haveria de ser traduzida de uma língua para a outra. Depois de a termos escrito em latim, eles traduziram para si frase a frase, procurando saber se tínhamos errado em alguma palavra. E após a redacção de ambas as cartas, fizeram-nos lê-las duas vezes, não fôssemos ter-nos esquecido de algo. Então, disseram-nos: «confirmai se compreendestes tudo devidamente, pois as cartas não seguirão se vós não tiverdes compreendido tudo, pois tendes de partir para tão remotas paragens». Respondemos-lhes: «compreendemos tudo na perfeição». Dito isto, as cartas foram rescritas em sarraceno para que outrem, nestas partes, as pudesse ler, caso o senhor nosso Papa o desejasse.

42. É costume do Imperador nunca se dirigir a um estranho a não ser por interposta pessoa, mesmo que o visitante seja importante. Ouve e responde a tudo através de alguém. Sempre que alguém trata de um assunto na presença de Kadac ou ouve a resposta enviada pelo imperador, deve ficar ajoelhado perante ele, até ao final da resposta, mesmo que seja alguém importante. Não há o costume de – nem é permitido – dizer algo sobre um assunto, depois que o imperador tenha tomado uma decisão sobre isso. O Imperador possui um procurador, secretários e escrivães; possui, também, outros oficiais, encarregados de assuntos públicos e privados. Só não possui advogados, já que toda a justiça é feita, sem grande alarido, segundo o arbítrio do imperador. Os restantes príncipes tártaros procedem do mesmo modo com aquilo que lhes compete.

43. Este imperador terá quarenta ou quarenta-e-cinco anos, ou talvez mais. É de estatura média, muito sábio, extremamente astuto, muito sério e rigoroso na sua moral. Segundo o que nos diziam os cristãos que com ele ficavam muitas vezes, não se vê rir facilmente ou fazer algo de ânimo leve. Os cristãos que faziam parte da casa do Imperador e da sua família diziam-nos, porém, que acreditavam piamente que ele se tornaria cristão, pois tinham tido um sinal claro disto, porque ele mantinha, junto de si, clérigos cristãos e dava-lhes expensas. O imperador tinha sempre um coro cristão diante da sua maior tenda, que cantava para todos e dava as horas de acordo com o costume grego, tal como o fazem outros cristãos, sempre que há uma grande multidão de Tártaros e de outros homens. Os chefes tártaros, porém, não procediam assim.

44. O imperador propôs enviar mensageiros seus connosco, porque, segundo a nossa escolta tártara, vinham connosco porque tinham de o fazer. Segundo cremos, estes mensageiros queriam que fôssemos nós a endereçar esse pedido ao imperador, pois um dos da nossa escolta – o mais velho – pediu-nos que o fizéssemos. Porém, como nos pareceu que nada de bom viria de tal gesto, respondemos-lhe que não caberia a nós pedir, mas que, se o imperador os enviasse por sua vontade, nós aceitaríamos conduzi-los com segurança, com o auxílio de Deus. No entanto, não nos parecia que devessem vir connosco, por várias razões. A primeira era que temíamos que, se vissem a falta de acordo e as guerras que há entre nós, mais se inclinariam para nos atacar. A segunda razão era porque tínhamos pavor que eles fossem explorar a nossa terra. O terceiro motivo que nos levava a não querer que eles nos acompanhassem era

porque tínhamos receio que fossem mortos, pois as nossas gentes são, em grande parte, arrogantes e soberbas. Diga-se que, quando os servos que estavam connosco, a pedido do cardinal alemão, se vestiram segundo o costume tártaro, foram quase apedrejados pelos alemães e obrigados a tirar aquelas roupas. É costume dos tártaros nunca fazer as pazes com os homens que matam os seus mensageiros; pelo contrário, procuram vingar-se deles. A quarta razão é que tínhamos medo que nos levassem à força, tal como fizeram com o príncipe dos sarracenos, que até hoje é prisioneiro, se não tiver já morrido. A quinta é que a chegada deles não teria qualquer utilidade, por não trazerem consigo qualquer função ou poder a não ser confiar as cartas que tínhamos do imperador dos tártaros ao senhor nosso Papa e a outros príncipes. Acreditávamos que daqui pudesse vir algum mal, por isso, não nos agradava que viessem.

45. Três dias depois, no dia de São Brício, deram-nos a licença e a carta do Imperador, assinada com o seu selo, enviando-nos à sua mãe, que deu a cada um de nós uma pele de raposa que tinha pêlos por fora e que, por dentro, estava cosida com firmeza e tinha um tecido, do qual os nossos tártaros roubaram um pedaço a cada raposa. Roubaram, também, a melhor parte da raposa dada ao nosso servo. Isto não nos passou ao lado, mas decidimos não dizer palavra sobre o assunto.

46. Começámos, então, o caminho de volta, percorrido durante todo o Inverno, dormindo, frequentemente, no deserto na neve, excepto quando podíamos escavar um local na neve, com os pés, onde não havia árvores e a terra era plana. Andávamos, muitas vezes, todos cobertos de neve, quando o vento a fazia bater contra nós. E assim, chegámos à presença de Batu no dia da Ascensão de Nosso Senhor. Comunicámos a Batu a mensagem que o imperador tinha enviado ao senhor nosso Papa. Batu respondeu que não queria inquirir sobre nada, excepto sobre o que o imperador tinha escrito. Disse, contudo, que deveríamos relatar cuidadosamente ao Papa e a outros maiores tudo aquilo que o Imperador tinha escrito. Tendo-nos sido dadas cartas de salvo-conduto, partimos e chegámos à presença de Baidar, no sábado antes do de Pentecostes, junto do qual estavam os nossos companheiros e servos, que aí tinham ficado retidos e que foram reconduzidos a nós.

47. Depois, viemos até à presença de Corenza, que voltou a pedir-nos presentes. Porém, nada lhe demos, porque nada tínhamos. Este deu-nos dois cumanos, que eram parte do contingente tártaro, para com eles seguirmos até Kióvia. O tártaro que nos

acompanhava, porém, não nos deixou até atravessarmos o último posto de guarda tártaro. Estes outros que Corenza nos tinha dado conduziram-nos do último posto de guarda até Kióvia em seis dias. Chegámos a esta cidade quinze dias antes do dia de São João. Os habitantes de Kióvia, quando se aperceberam da nossa chegada, correram até nós, felizes. Congratulavam-se com a nossa chegada, como se tivéssemos ressuscitado dos mortos. Assim também aconteceu por toda a Polónia, Boémia e Rússia.

48. Daniel e o seu irmão Vasilico fizeram-nos uma grande festa e deram-nos guarida, contra nossa vontade, bem uns oito dias. Entretanto, tivemos um consílio com eles, com os bispos e outros homens honrados, sobre o que tínhamos falado com eles antes de termos partido em direcção à Tartária. Responderam-nos unanimemente, dizendo que desejavam ter o senhor nosso Papa como senhor e pai e a Santa Igreja Romana como senhora e soberana, confirmando assim tudo o que a este respeito tinham transmitido por meio de um seu abade. Por este motivo, o consílio mandou cartas e enviados connosco.

49. E, para que não haja dúvida de que fomos até à terra dos tártaros, como alguns lhes chamam, escrevemos os nomes daqueles com nos encontrámos. O rei Daniel da Rússia, com todos os seus homens e exército, que vieram com ele e nos encontraram perto do acampamento de Carbon, que tem a irmã de Batu por esposa. No território de Corenza, encontrámos Nongrot, um centurião de Kióvia, e os seus companheiros, que nos guiaram durante uma parte do caminho e vieram connosco até ao território de Batu. Na terra de Batu, encontrámos o filho do duque Iaroslav, que tinha consigo um soldado russo chamado Sangor, originário da Cumânia e agora cristão, tal como o ruteno de Suzdal, que foi nosso intérprete junto de Batu. No território do imperador, encontrámos o duque Iaroslav, que aí foi morto, e um soldado seu, chamado Temer, que foi nosso intérprete junto de Güyük Khan, ou seja, o imperador dos tártaros, tanto na tradução das cartas do imperador ao senhor nosso Papa, como nas conversas que tivemos. Aí estavam também Dubazlav, clérigo do referido duque, Jacó Miguel e um outro Jacó, servos de Dubazlav. No regresso à terra dos bisermanos, na cidade de Sakint, encontrámos Colíneo, que ia ao encontro de Iaroslav, a mando da mulher deste e de Batu. Nesta terra, encontrámos ainda Cocteleban e todo o seu grupo. Todos estes regressaram à terra de Suzdal, na Rússia, com os quais será possível verificar a nossa verdade. No território de Baidar, o duque Iaroslav e os seus, bem como um

outro duque russo, chamado Sancopólito, encontraram os nossos companheiros que aí tinham permanecido. À saída da Cumânia, encontrámos o duque Romano, com o seu séquito, entrando no território tártaro, e o duque OIaha com os seus, saindo desse território. O enviado do duque de Chernigov saiu connosco da Cumânia e, durante muito tempo, atravessou a Rússia connosco. Todos estes são duques rutenos.

50. Toda a cidade de Kióvia é nossa testemunha também, pois nela nos deram salvo-conduto e cavalos até ao primeiro posto de guarda tártaro e, no nosso regresso, receberam-nos com um salvo-conduto e cavalos tártaros, que foram enviados de volta aos mesmos. São testemunhas, também, todos os homens da Rússia pelos quais passámos em controlo, que receberam cartas seladas e ordens de Batu para nos darem cavalos e mantimentos, pois que, se o não fizessem, ele os mataria.

51. Acima de tudo, são testemunhas os mercadores de Bratislava, que vieram connosco até Kióvia e escreveram que nós entrámos na mão dos tártaros; e muitos outros mercadores, da Polónia e da Áustria, que vieram a Kióvia depois de termos partido para as terras dos tártaros. São ainda testemunhas os mercadores de Constantinopla que, através das terras dos tártaros, chegaram à Rússia, e que estavam em Kióvia no momento em que regressávamos das terras dos tártaros. Os nomes desses mercadores estão aqui listados. Os mais importantes são: Miguel de Génova e Bartolomeu, Manuel de Veneza, Jacó Revério de Acre, Nicolau de Pisa. Há outros ainda: Marco, Henrique, João, Vásio, Henrique Bonadies e Pedro Paschami. Havia ainda muitos outros, mas desconhecemos os seus nomes.

52. Pedimos a todos os que leram tudo o que acima foi dito que nada retirem ou acrescentem, pois nós escrevemos, com a verdade como nossa guia, tudo quanto vimos ou ouvimos de outros, que acreditamos serem fidedignos, tal como Deus é nossa testemunha, e que nada acrescentaram conscientemente. Mas, porque aqueles pelos quais passámos, na Polónia, Boémia, Teutónia, Leódio^{xcii} e Campânia^{xciii}, receberam livremente a história, rescreveram-na antes que estivesse completa e, por isso, era muito mais curta, tanto mais que não tínhamos ainda tido um momento de descanso para podermos completá-la. Assim, ninguém deve admirar-se de haver neste relato muitas e melhores correcções, uma vez que, depois de termos tido algum repouso, corrigimo-lo totalmente e até à perfeição, estando assim mais perfeito do que quando não estava completo.

Assim se narrou a história dos mongóis, aos quais chamamos tártaros.

Bibliografia

1. Texto de Giovanni da Pian del Carpini

‘Ystoria Mongalum’ in Van den Wygnaert, Anastasius (ed.), *Sinica Franciscana*, vol. I: Itinera et relationes fratrum minorum saeculi XIII et XIV (Florença: Alfani, 1929), pp. 2-130.

2. Bibliografia secundária

Blatt, Franz (dir.), *Novum Glossarium Mediae Latinitatis: ab anno DCCC usque ad annum MCC* (Copenhagen, Ejnar Munksgaard, 1959).

Christian, David, *A History of Russia, Central Asia and Mongolia, vol. 1: Inner Eurasia from Prehistory to the Mongol Empire* (Oxford: Blackwell, 1998).

Jackson, Peter, *The Mongols and the West* (Harlow: Pearson/Longman, 2005).

Jedin, Hubert et John Dolan, *History of the Church*, ed. Hans-Georg Beck et al., trad. ingl. Anselm Biggs, 10 vols. (Londres: Burns & Oats, 1980), IV.

Knobler, Adam, ‘Pseudo-Conversions and Patchwork Pedigrees: the Christianization of Muslim Princes and the Diplomacy of Holy War’, *Journal of World History*, 7.2 (1996), 181-197.

Mann, Horace K., *The Lives of the Popes in the Middle Ages*, 18 vols. (Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd., 1928, repr. Vaduz: Kraus, 1964), XIV.

Morgan, David, *The Mongols* (Oxford: Blackwell, 2007).

Notas

- ⁱ Os chineses.
- ⁱⁱ Os coreanos.
- ⁱⁱⁱ Os uígures.
- ^{iv} Povo do sul da Mongólia.
- ^v A capital mongol à data.
- ^{vi} Nomes dados aos comandantes de mil homens e de cem homens, respectivamente. Em V, 19 frei Giovanni refere-se de novo a estas patentes militares ao descrever a forma de organização do exército mongol.
- ^{vii} Miguel de Chernigov (1185-1246). Hoje Chernigov corresponde à cidade ucraniana de Chernihiv.
- ^{viii} Batu Khan, um dos chefes mongóis e neto de Gengis Khan, o grande fundador do Império Mongol.
- ^{ix} Iaroslav II de Vladimir (1191-1246).
- ^x Povo nómada que, com a invasão mongol, se refugiou num território que corresponde hoje à Hungria.
- ^{xi} O texto latino dá conta de dois povos distintos: os “Merkit” – merquites – e os “Mecrit”, embora seja aceite que se tratava do mesmo povo. É possível que “Mecrit” seja uma corruptela de “Mekrit”.
- ^{xii} Terceiro filho de Gengis Khan com Börte, a sua primeira mulher.
- ^{xiii} Imil ou Emil, situada no actual Cazaquistão, à beira do rio com o mesmo nome.
- ^{xiv} O povo uigur-sari, ou uigur amarelo.
- ^{xv} Karanutes – uma das tribos que constituía a grande tribo Hongirat, da qual faziam parte a mãe de Gengis Khan e a sua primeira mulher, Börte.
- ^{xvi} Oirates – o conjunto de tribos do Oeste da Mongólia.
- ^{xvii} Povo da Ásia Central, embora não haja certeza da sua localização exacta.
- ^{xviii} Trata-se de Jochi Khan, primogénito de Gengis Khan.
- ^{xix} Correspondia à região da costa do Mar Árábico até à margem oeste do rio Indo.
- ^{xx} Correspondia à região entre os rios Indo e Ganges.
- ^{xxi} Povo eslavo.
- ^{xxii} Trata-se do Tibete, que surge também registado como “Buri-Tabet” e “Buri-Tibet”.
- ^{xxiii} Os quirguizes.
- ^{xxiv} As montanhas do Cáucaso.
- ^{xxv} Referência às casas trogloditas.
- ^{xxvi} Comandantes de dez homens.
- ^{xxvii} Segundo alguns críticos, Giovanni da Pian del Carpine parece confundir as palavras mongóis “thuman” – um regimento de dez mil homens – e “duman” – escuridão ou trevas.
- ^{xxviii} Embora Giovanni da Pian del Carpine considere Ogodei como o primogénito, sabemos hoje em dia que Jochi foi o primeiro filho de Gengis Khan.
- ^{xxix} Na verdade, Shiremun era neto de Ogodei Khan e não filho como nos conta Giovanni da Pian del Carpine.
- ^{xxx} Büri era, na verdade, neto e não filho de Chagatai Khan.
- ^{xxxi} Porvavelmente outro Kadan; não necessariamente o mesmo Kadan que aparece como irmão de Güyük Khan.
- ^{xxxii} Também conhecido como Möngke Khan.
- ^{xxxiii} Também conhecido como Karachar.

-
- xxxiv Também conhecido como Subutai.
- xxxv Muito provavelmente o general mongol Corenza, mencionado adiante no Capítulo IX.
- xxxvi Para “sultão”, Giovanni da Pian del Carpine utiliza as palavras ‘solidanus’ e ‘soldanus’. Por esta razão, pensamos que aqui se trate de um título – provavelmente um “Grande Sultão” – e não de um nome próprio.
- xxxvii Os muçulmanos.
- xxxviii Língua turcomana, falada pelos cumanos.
- xxxix Talvez a cidade de Bayaldyr – ou perto dela – no actual Cazaquistão.
- xl É desconhecida a localização exacta desta cidade.
- xli Há quem considere que esta possa ser a cidade cazaque de Otrar. Outros dão-na como sendo Khiva, no Uzbequistão.
- xlíi Povo de proveniência incerta.
- xlíiii Muito provavelmente o rio Sir-Dária.
- xlíiv Kiev, hoje em dia a capital ucraniana.
- xlív Mordóvios, da Mordóvia, uma das repúblicas da actual Federação Russa.
- xlvi Os búlgaros.
- xlvíi Os basquires.
- xlvíiii Correspondente, grosso modo, ao actual Krai de Perm.
- xlíx Archangelsk.
- l Isidoro de Sevilha.
- lí Moeda de ouro do Império Bizantino.
- líi Sultanato de Rum, que cobria um extenso território da actual Turquia.
- líiii Muito provavelmente Alepo, na actual Síria, embora alguns editores considerem a hipótese de se tratar de Damasco.
- líiv Bagdad.
- lív Moeda de ouro do Império Bizantino.
- lívi Corresponde ao hamster, que hoje em dia se diz “chomik” em polaco.
- lívii Trata-se de André II de Vladimir, filho de Iaroslav II de Vladimir.
- líviii Os abecases.
- líx Povo tártaro do Norte.
- lx Cachemira.
- líxi Possivelmente uma tribo húngara.
- líxii Possivelmente uma tribo do Daguestão.
- líxiii Povo de localização incerta.
- líxiv Não são um povo, mas sim os crentes de uma antiga corrente do Cristianismo.
- líxv Provavelmente os habitantes da região da actual província de Gansu, na República Popular da China.
- líxvi Repetição feita pelo autor.
- líxvii Também designados de uígures amarelos.
- líxviii Povo originário do Norte do Cáucaso.
- líxix Povo da Ásia Central.
- líxx Segundo alguns, trata-se de um povo da actual Crimeia. Para outros, são os habitantes da antiga cidade de Saksin ou Saqsín, que ficava situada no delta do Volga.
- líxxi O autor refere-se certamente ao Império Romano do Oriente, ou Bizantino.
- líxxii Frei Giovanni refere-se ao conteúdo da carta do imperador endereçada ao papa.
- líxxiii Ogodei Khan, filho de Gengis Khan, morreu em Dezembro de 1241.
- líxxiv Venceslau I (1205-1253).

^{lxxv} Existem inúmeras localidades com este nome, pelo que é difícil apurar qual a localidade a que Frei Giovanni se refere ao certo.

^{lxxvi} Kaniv.

^{lxxvii} Dnieper.

^{lxxviii} Rio Ural, no passado chamado Yaik.

^{lxxix} Mar Negro.

^{lxxx} Estreito do Bósforo.

^{lxxx} Giovanni da Pian del Carpini confunde os mares Negro e Cáspio. Tanto o Volga como o Ural desaguam no Mar Cáspio e não no Mar Negro.

^{lxxxii} A língua persa.

^{lxxxiii} O rei Bela IV (1206-1270).

^{lxxxiv} Com “íberos”, Giovanni da Pian del Carpini quer dizer “Georgianos”.

^{lxxxv} Habitantes da Cachétia, região leste da Geórgia.

^{lxxxvi} Na Crimeia.

^{lxxxvii} Não existe consenso em relação à localização destas cidades, sendo que há igualmente a possibilidade de serem Sakint, Barchin e Ornas referidas anteriormente em V, 25-26.

^{lxxxviii} Trata-se da cidade de Omyl, já referida anteriormente.

^{lxxxix} Iaroslav II de Vladimir.

^{xc} Na verdade, não foi uma concubina, mas sim Altalun, irmã do imperador. Contudo, Peter Jackson comenta que esta estava inocente do crime e que Frei Giovanni tê-la-ia confundido com Ibaqa, uma princesa keraita acusada de ter tentado envenenar Ogodei Khan. (cf. Jackson 2005, 72).

^{xc} Alexandre Nevsky (1221-1263).

^{xcii} Liège.

^{xciii} Região de Champagne.